

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
COGEAE  
ADMINISTRAÇÃO, ECONOMIA, CIÊNCIAS CONTÁBEIS E ATUARIAIS

**O Terceiro Setor e a Transição de Carreira do Atleta Profissional**

São Paulo

2010

Anaile Zicarelli

Monografia apresentada ao curso de especialização em Gestão de projetos sociais em organizações do terceiro setor, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

**Orientadora:** Miriam Ferrari

São Paulo

2010

Banca Examinadora:

---

Orientadora

---

Examinador

---

Examinador

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais.

Ao meu marido Percio Fernandes Filho.

Ao Sindicato de Atletas Profissionais do Estado de São Paulo.

À Professora Miriam Ferrari, por ter acreditado no trabalho, por sua atenção e incentivo.

***“O homem não teria atingido o possível, se não houvesse sempre tentado alcançar o impossível”.***

**(Max Weber)**

## **Resumo**

Este estudo analisa a necessidade do planejamento e acompanhamento de carreira do atleta de futebol profissional, como forma de preparo para a fase de transição de carreira (pós-carreira). No referencial teórico são tratados fatores que motivam a escolha da profissão atleta de futebol e sugere formas de contribuição das organizações do terceiro setor, articuladas ao Estado e ao Mercado. Uma das opções para esse acompanhamento de carreira é a criação de um programa específico, que realize um planejamento e acompanhamento de carreira. Algumas hipóteses são levantadas como forma de sugerir itens que possam compor o programa, dentre eles acompanhamento educacional, profissional, psicoemocional, financeiro, com opção de acompanhamento à distância, adaptando-se à necessidade individual de cada atleta. O objetivo deste estudo é analisar o atleta de futebol profissional e sua carreira, reconhecendo-o enquanto cidadão, observar as mudanças e necessidades que se apresentam em sua trajetória, incluindo a dificuldade de aceitação à nova realidade social. Além de propor formas de prepará-lo para uma nova jornada e reinserção no mercado profissional. O presente estudo também ilustra a administração do esporte no Brasil, que ainda é conduzida de forma amadora, pois visa o interesse de poucos. É observada a permanência deste profissional no segmento futebolístico ao fim da carreira e confirma a hipótese de que o profissionalismo depende de um planejamento e possibilita a inserção social, de acordo com o preparo existente.

**Palavra chave:** Atleta profissional, futebol, terceiro setor, transição de carreira, acompanhamento de carreira, pós-carreira.

## **Abstract**

This study analyses the necessity of planning and follow-up in the career or professional football athletes is a meaningful preparation for the career transition stage. Theoretical references made to key factors that drive one's choice of the football profession and suggest new means of contribution from organizations of the third sector directed both at the state and the marketplace. One of the option for this career follow-up is the creation of a specific programme in order to plan and support the athlete's career. A number of hypothesis are considered is as a mean of suggesting steps you can compose a program amongst which educational professional psychological and financial follow-up with optional remote management tailored to athletes individual needs. The aim of this study is to analyze the professional athlete and his career validating him as a citizen observing the changes and needs presented along his trajectory including the struggle of accepting a new social reality. Whilst also proposing ways to prepare him onto a new journey and re-establish him on the professional marketplace. This study also illustrates the useful administration in Brazil which is still conducted an amateur fashion serving the interests of few. Is observed that this professional remains in the football segment after the end of his career which confirms the hypotheses that professionalism relies on planning and enable social integration according to an existing background.

**Key-Words: Athlete professional, football, third sector, career transition, career follow-up, post career.**

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	09
1.1 Objetivo .....	12
1.2 Justificativa do tema escolhido .....	13
1.3 Metodologia .....	17
CAPÍTULO 1. O SONHO DE SER JOGADOR DE FUTEBOL .....	20
CAPÍTULO 2. O ATLETA E A PRÁTICA PROFISSIONAL DO FUTEBOL .....	31
2.1 A PROFISSÃO ATLETA .....	38
2.1.1 Qualificação necessária e ingresso na carreira de maneira precoce .....	38
2.1.2. Mercado de Trabalho .....	40
2.2 TRANSIÇÃO E TÉRMINO DE CARREIRA .....	45
CAPÍTULO 3. O TERCEIRO SETOR – UM BREVE HISTÓRICO .....	53
3.1 OS SINDICATOS DOS ATLETAS PROFISSIONAIS ENQUANTO ÓRGÃOS DO TERCEIRO SETOR .....	57
3.1.1 Ações Sindicais em Rede .....	60
3.2 NECESSIDADE DE RESPONSABILIDADE SOCIAL DOS CLUBES .....	63



CAPÍTULO 4. PROPOSTAS DE ORIENTAÇÃO E ACOMPANHAMENTO NA TRANSIÇÃO DE CARREIRA .....	71
4.1 PRÁTICAS QUE JÁ CONTEMPLAM O ATENDIMENTO AOS ATLETAS E EX-ATLETAS .....	71
4.2 PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO COMO FORMAS DE CONTRIBUIÇÃO.....	79
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	91
6. ANEXO .....	96
7. BIBLIOGRAFIA .....	107

## **INTRODUÇÃO**

No século XXI, a busca pela carreira de atleta de futebol profissional é um projeto de vida, considerado em grande escala entre os jovens cidadãos brasileiros.

No Brasil, na sociedade contemporânea, o futebol tem sido utilizado para a propagação de diversos temas na sociedade, desde afirmação coletiva ou pessoal até sua utilização para campanhas políticas. A indústria do futebol cresceu significativamente nos últimos 20 anos e movimentou os mais variados segmentos de comércio e serviço no mundo.

O esporte gera impacto nos recursos financeiros, movimentando uma indústria diversificada, contribuindo para criar empregos, movimentar relações comerciais de artigos esportivos, indústrias de alimentação, turismo e meios de comunicação. Além disso, estimula o surgimento de novos produtos e serviços. Pode-se dizer que a atividade futebolística tem uma relação direta com a renda e os fatores de natureza social.

A importância do esporte pode ser mensurada em decorrência de sua capacidade de aproximação dos povos e seu meio, de ampliar as interações sociais, além de incentivar a solidariedade, o trabalho em equipe e outros fatores do desenvolvimento humano.

Alguns trabalhos acadêmicos abordam a questão social do futebol e o sonho da carreira futebolística, entretanto, não foi localizada a existência de trabalhos com temas relacionados às ações do terceiro setor na elaboração e execução de programas voltados aos atletas profissionais de futebol. Foram encontrados trabalhos realizados por Associações de Futebol Profissional (Clubes), destinados aos atletas em fase de formação. Também foram localizados alguns trabalhos de Associações e Entidades Sindicais voltados aos ex-atletas.

Este estudo propõe uma visão diferenciada e sugere um programa de acompanhamento de carreira ao atleta profissional ao longo de sua carreira, demonstrando a necessidade e importância de um trabalho preventivo e não de caráter assistencialista.

O Capítulo I deste estudo evidencia o sonho de ser jogador de futebol, fala sobre o desejo e a influência cultural que contribuem para esse sonho que se torna uma promessa de inserção e ascensão social, pois, no Brasil tais questões se destacam e são influentes na sociedade.

O Capítulo II aborda questões específicas sobre o atleta de futebol e sua relação profissional, descreve alguns desafios da carreira como a instabilidade da profissão, necessidade de dedicação. Menciona a falta de motivação para o estudo e destaca a necessidade de aceitação e preparo para seu término (pós-carreira), com base nas informações fornecidas pelos entrevistados.

O Capítulo III faz um breve relato sobre o terceiro setor e a importância de sua atuação, ilustra o trabalho das Entidades Sindicais enquanto organizações do terceiro setor, no intuito de demonstrar o potencial das ações em rede para um trabalho de parceria e demonstra a necessidade de responsabilidade social dos clubes.

O Capítulo IV faz uma breve descrição de trabalhos existentes que possam beneficiar aos atletas em formação, profissionais e ex-atletas e sugere alternativas como formas de intervenção, nas quais os três setores possam se articular (público, privado e privado com fins públicos), por meio de planejamento e acompanhamento de carreira, também com base nas falas dos entrevistados. Tem-se, aqui, o intuito de minimizar um problema social, uma vez que esta realidade não é tão evidenciada.

No anexo constam entrevistas realizadas aos ex-atletas de futebol profissional e presidentes das entidades sindicais desta categoria.

O futebol não proporciona independência financeira a todos, pois poucos atletas conseguem, ao término de suas carreiras, ter uma estrutura que possibilite uma vida

segura. Vários fatores podem contribuir para que o atleta profissional chegue ao fim de sua carreira sem esta independência. Muitas vezes, não existe um preparo por parte do atleta para esta fase, para isso é indispensável que ele reconheça, enquanto está em atividade, que a fase de transição e sobrevivência em outra área é difícil. Deve existir um preparo de forma educacional e emocional. Por vezes, por falta de empenho e de motivação o atleta não investe em seu preparo para o pós-carreira, com isso coloca em risco sua trajetória de vida.

Com esta preocupação, o presente estudo busca demonstrar a necessidade e importância do planejamento e acompanhamento de carreira, elabora uma proposta de trabalho e propõe formas para uma possível preservação psicoemocional e social do atleta e ex-atleta profissional de futebol, de forma a evitar a exclusão social do atleta na fase de transição de carreira (pós-carreira).

## 1.1 Objetivo

O objetivo geral deste trabalho de pesquisa é demonstrar a necessidade e importância da formação educacional, psicológica e social dos atletas profissionais de futebol, como forma de auxiliar no planejamento para a fase de transição de carreira (pós-carreira).

A pergunta de partida utilizada para a realização deste trabalho foi: “Como o terceiro setor pode colaborar no planejamento e orientação para a fase de transição de carreira dos atletas profissionais de futebol?”

Dentre os objetivos específicos, é intenção deste trabalho: Analisar algumas questões sociais brasileiras, que influenciam e impulsionam o sonho de ser jogador de futebol profissional e demonstrar a realidade social pela qual passa a maioria dos atletas profissionais de futebol. Colaborar com o reconhecimento desta fase, como forma de preparar o atleta para tal período e minimizar o impacto da transição de carreira (pós-carreira) nas questões psicoemocionais, financeiras, profissionais e sociais.

Propor formas de acompanhamento e planejamento de carreira ao atleta em formação e profissional, como forma de preparo para a fase de transição de carreira (pós-carreira), articuladas ao terceiro setor e aos demais setores. Demonstrar a necessidade da ação do terceiro setor nesta realidade social.

Este trabalho de pesquisa visa buscar formas de lidar com tais questões, colaborar para que o ex-atleta possa seguir um novo caminho em sua carreira profissional e encontrar alternativas, como forma de continuidade em sua trajetória de vida.

## 1.2 Justificativa do tema escolhido

A realidade do futebol brasileiro não é a mesma apresentada pela mídia, formada somente por atletas profissionais de sucesso, que disputam campeonatos de primeira e segunda divisões, ou que recebem propostas de contratos milionários com clubes estrangeiros. Entretanto, a situação dos atletas de futebol em relação a sua profissão e preparo para o período de transição de carreira (pós-carreira) não são evidenciados com tanta frequência, o destaque existe somente para atletas bem sucedidos.

A minoria dos atletas profissionais de futebol no Brasil recebe altos salários, enquanto a maior parte, além de trabalhar por um salário mínimo, nem sempre recebe os salários em dia.

A análise de algumas questões sociais particularmente brasileiras, que influenciam o sonho de ser jogador de futebol profissional é fator importante de uma realidade a ser compreendida.

Muitos atletas e ex-atletas procuram as Entidades Sindicais que os representam, para saber "o que pode ser feito por eles", pois se vêem diante do término de suas carreiras e necessitam seguir um novo rumo em suas vidas.

Para Carlos Alberto Maximo Pimenta<sup>1</sup> (apud WILSON ARAUJO FILHO, 2009, p.72) "os jogadores que concluem a carreira com idade aproximada de 35 anos são excluídos numa fase ainda produtiva de suas vidas e estão sujeitos, ao entrarem no mercado de trabalho, a salários bem reduzidos em relação aos que recebiam, alterando precariamente o padrão de vida, com sérias repercussões familiares".

A não exigência de formação profissional, por conta da valorização somente do "talento para o futebol", somada à necessidade de total dedicação a profissão, faz com

---

<sup>1</sup> PIMENTA, Carlos Alberto Maximo. Sociologia da juventude: futebol/paixão/sonho/frustração/violência. São Paulo: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2006.

que o atleta (em formação e o profissional), deixe de investir em sua formação quer seja educacional ou profissional.

Diante de tal fato, ao término de sua carreira como atleta profissional de futebol, o “ex-atleta” se depara com uma difícil escolha: Para onde seguir ? Como continuar trabalhando no meio futebolístico, uma vez que a demanda por profissionais no futebol não é tão grande se comparada à quantidade de atletas e ex-atletas existentes. Após o término da carreira (período de transição) é necessário fazer uma especialização ou, até mesmo, buscar uma nova formação com o objetivo de dar continuidade à carreira que, tão precocemente chega ao fim.

Aspectos sociais e emocionais têm grande importância dentro deste contexto, pois, é comum que os atletas passem por um período de maior instabilidade na “fase de transição de carreira”. Isto ocorre da mesma no período de aposentadoria para qualquer profissional. Por mais que exista a ciência de que este momento irá chegar, a sensação de perda acaba por acontecer. No caso específico do atleta profissional, a situação se torna mais difícil, por ser uma idade “precoce” e pela falta de preparo para profissões alternativas.

As Entidades Sindicais são Organizações do Terceiro Setor, reconhecidas oficialmente pela Organização das Nações Unidas (ONU) <sup>2</sup>. Por serem associações sem fins lucrativos, formadas pela sociedade civil e representantes de uma categoria profissional (entidades de classe), neste caso “atletas profissionais de futebol”, os Sindicatos têm total legitimidade para exercer atividades sociais que também estejam relacionadas à defesa dos interesses destes atletas.

---

<sup>2</sup> A Organização das Nações Unidas (ONU) é uma instituição internacional formada por 192 Estados soberanos. Nasceu oficialmente em 24 de outubro de 1945, data de promulgação da Carta das Nações Unidas – um tratado internacional que enuncia os direitos e deveres dos membros da comunidade internacional – assinada na época por 51 países, entre eles o Brasil. Fundada após a 2ª Guerra Mundial para manter a paz e a segurança no mundo, fomentar relações cordiais entre as nações, promover progresso social, melhores padrões de vida e direitos humanos.

O mercado de trabalho dos atletas profissionais de futebol é restrito. Dentre todos os atletas profissionais de futebol do país, um grande percentual recebe apenas um salário mínimo por mês. Nem todos os atletas conseguem jogar em times da primeira divisão, enquanto muitos também partem para aventura no exterior e acabam prejudicados.

Tal fato mostra a importância da abordagem deste tema, como forma de refletir a respeito de uma realidade pouco difundida no país e propor alternativas futuras, que possam ser implementadas na realidade do atleta e dos clubes de futebol, em parceria com o Estado e associações do terceiro setor.

Uma vez que esta realidade está inserida no contexto social, não é possível ignorá-la, mesmo que a mídia reforce pontos positivos e não enfatize a questão social, que faz parte da sociedade brasileira.

O terceiro setor se destaca na oportunidade de apresentar propostas como alternativas para essa realidade social que, por muitas vezes, passa despercebida. Tal situação é observada somente quando há exposição de ex-atletas que passam por dificuldades emocionais (psicológicas), problemas de saúde, financeiras e sociais.

Para tanto, se faz necessário o desenvolvimento de um Programa de Planejamento de Carreira e Pós-carreira que proporcione novas oportunidades de trabalho no esporte, bem como em outras áreas. Este programa poderá oferecer diversos cursos, ações preventivas que trabalhem conceitos como: fortalecimento da cidadania, ética, autonomia, auto-estima, identidade e que atendam às necessidades dos atletas e ex-atletas, fortalecendo-os nos níveis social, familiar, intelectual e emocional.

O presente estudo pretende abordar a ação do Terceiro Setor, das Associações de Futebol Profissional (Clubes) e dos Sindicatos dos Atletas Profissionais presentes em alguns Estados brasileiros, enquanto entidades que representam os interesses desta categoria profissional. São necessárias ações que auxiliem nas questões



profissionais que, conseqüentemente, influenciam direta ou indiretamente no nas situações emocionais e sociais do atleta e ex-atleta profissional de futebol, pois, dificilmente estão preparados para o término da carreira futebolística, que se encerra tão precocemente devido aos fatores característicos da profissão.

### 1.3 Metodologia

Na primeira etapa deste trabalho foi realizada uma pesquisa bibliográfica, por meio de levantamento de artigos, sites e estudos sobre futebol e sociedade, o que contribuiu para determinar o problema estudado. Também foram consultados alguns estudos acadêmicos na área de sociologia e psicologia social. Essa fase colaborou imensamente para a escolha dos autores citados na obra.

Após este procedimento, foi realizada uma pesquisa exploratória de abordagem qualitativa, de forma a propor uma maior reflexão sobre as diferentes variáveis do problema. Foram realizadas entrevistas pessoais semi-estruturadas, por meio de questionários com respostas livres, pois se trata de uma fonte rica em informações.

Alguns dos entrevistados permitiram o esclarecimento de dúvidas por meio de entrevistas telefônicas individuais, com duração de aproximadamente 20 minutos para cada entrevistado.

As entrevistas foram realizadas a 5 (cinco) ex-atletas profissionais de futebol, que atualmente presidem os Sindicatos dos Atletas Profissionais de Futebol de alguns Estados Brasileiros, sendo eles:

- Rinaldo José Martorelli – Nascido em 18 de abril de 1962, iniciou sua carreira profissional em 1981. Atuou nos clubes: Sociedade Esportiva Palmeiras (SP), Clube Náutico Capibaribe (PE), Associação Portuguesa Desportos (SP), EC Taubaté (SP), AD São Caetano (SP), EC Pelotas (RS), EC Goiás (GO), Paysandu Sport Club (PA), EC Noroeste (SP), Clube Esportivo de Passos (MG); Atualmente é presidente do Sindicato de Atletas Profissionais do Estado de São Paulo – SAPESP.
- Alfredo Sampaio – Nascido em 23 de maio de 1958, atuou nos clubes: São Cristóvão (RJ), América (RJ), Bonsucesso (RJ), Olaria (RJ), Motoclube (MA), Guaratinguetá (SP), Portuguesa (Venezuela), Ferroviário (Moçambique), Costa

do Sol (Moçambique), Rio Ave (Portugal), Usa Ragusa (NY-EUA); Atualmente é presidente do Sindicato dos Atletas de Futebol do Estado do Rio de Janeiro – SAFERJ e da Federação Nacional dos Atletas Profissionais de Futebol – FENAPAF.

- Wilson Melo de Oliveira – Nascido em 13 de abril de 1954. Atuou nos clubes: Boncussesso (RJ), Vitoria (ES), Palmeiras (SP), Santa Cruz (PE), Ferroviária de Araraquara (SP), Operário (MS); Atualmente é presidente do Sindicato dos Atletas de Futebol do Estado do Mato Grosso do Sul – SAFEMS.
- Oberdan Bendelac de Menezes – Nascido em 03 de janeiro de 1966. Atuou nos clubes: Clube do Remo (PA), Paysandu Sport Clube, Tuna Luso Brasileira (PA), Santa Cruz Futebol Clube (PE), São José (SP), Comercial (SP), Paraná Clube (PR) e Iraty (PR); Atualmente é presidente do Sindicato dos Jogadores de Futebol Profissional do Estado do Pará – SINJOP.
- Marco Antonio da Silva Nunes (Marcos Gaúcho) – Nascido em 08 de setembro de 1954. Atuou nos clubes: América (RJ), Flamengo (MG), Saint Louvant – Bélgica, Juventude (RS), Americano (RJ), Ceara (SC), Atlet San Francisco – México, Aurich – Peru, Democrata (MG), America (RN) e Toronto Linx – Canada-USA. Atualmente é presidente do Sindicato dos Atletas de Futebol do Estado do Ceará – SAFECE.

A escolha dos entrevistados se deve ao fato de serem ex-atletas profissionais de futebol e atuais presidentes dos sindicatos dos atletas de futebol, o que vem de encontro com a visão e interesse por trabalhos já desenvolvidos.

Foi realizada uma análise individual e coletiva, em conformidade com os interesses da deste estudo, com o objetivo de aprofundar conhecimentos sobre a realidade social dos atletas e ex-atletas profissionais de futebol no Brasil, de forma a verificar as possíveis idéias para ações articuladas entre o Terceiro Setor, o Estado (primeiro setor) e o Mercado (segundo setor).

## **CAPÍTULO I**

### **O SONHO DE SER JOGADOR DE FUTEBOL**

O desejo e o sonho de ser um jogador de futebol na sociedade contemporânea estão associados, primeiramente, à compreensão de que o esporte, neste caso o futebol, é algo socialmente construído.

As pessoas não nascem com apreciação pelo futebol ou por outro esporte, de forma intrínseca, elas aprendem a gostar de algo (ou não) por influência do meio em que vivem.

A paixão pelo futebol é perpetuada na infância, o que gera uma identificação e, conseqüentemente, o sonho de ser um jogador de futebol profissional. Esta identificação somada ao sentimento de pertencimento a um grupo social produz um significado e dá sentido ao que foi idealizado. Esse processo pode ser associado à cultura brasileira, que se reconhece enquanto país do futebol. A devoção é a mesma que por uma religião, por esse motivo o futebol é considerado um fenômeno de massas.

A influência do meio social (cultura) é fator contribuinte para tal comportamento. O ser humano possui necessidades e desejos que, em sua busca por satisfazê-los encontra significados e estes se mostram de forma subjetiva. É algo que preenche e dá sentido à vida das pessoas.

Para Ronaldo Helal (1990, p.13):

[...] O gosto ou paixão por um determinado esporte não existe naturalmente em nosso "sangue", como supõe o senso comum. Ele existe na coletividade, em nosso meio social que nos transmite esse sentimento da mesma forma que a escola nos ensina a ler e a escrever.

Diante disto, entende-se a prática do futebol como a busca pela satisfação do desejo, acompanhada por outros desejos que justifiquem a identidade do indivíduo, ao reconhecimento de si mesmo enquanto ser humano, cidadão, filho, marido, pai e ídolo. Um modelo de auto-reconhecimento, mas que depende do olhar do outro.

Para ARAUJO FILHO (2009 p. 34):

[...] O desejo de ser jogador de futebol se consolida já na infância. Todos os jovens que entram nessa rotina, sejam em escolinhas de futebol, nas praças, nas ruas ou qualquer outro lugar, sonham com a carreira e, conseqüentemente, com o sucesso esportivo.

A constituição do desejo está ligada à satisfação, ou seja, todo desejo busca uma satisfação e, conseqüentemente, o prazer que está associado à realização. Neste caso, o desejo de jogar futebol e ser reconhecido faz com que se busque realização por meio da prática do futebol, carreira, fama, sucesso, ascensão social, etc. A realidade construída pela cultura brasileira está, de certa forma, associada à figura de ser jogador de futebol e à satisfação desse desejo por meio do fazer.

O sociólogo e professor Carlos Alberto M. Pimenta (2008) analisou o processo de formação do jogador de futebol no Estado de São Paulo (precisamente na região do vale do Paraíba – no período de 1997 a 2001) e fez uma leitura do que esses jovens, inseridos na busca pelo sucesso da carreira profissional esportiva, denominavam de sonho. O autor faz uma abordagem do sonho mediado pela cultura e pelo significado simbólico, reinventado nas relações e tendências da atualidade, reconhece a importância de sonhar e defende que o sonho pode libertar, entretanto, Pimenta (2008, p.117) também observa:

[...] O complicador, quando se reflete sobre os sonhos, projeções e expectativas de ser jogador de futebol, é que, na contemporaneidade, a imaginação social da juventude se constitui mediada pelos mecanismos sutis e complexos da mídia, do marketing, da tecnologia, do capital e do consumo.

Todos são suscetíveis à influência do meio externo, dentre essas influências a mídia e o marketing fazem uma reprodução alienada sobre aquilo que é exposto nos meios de comunicação. Produzem formas de hipnotizar e influenciar diretamente o consumo e a preferência das pessoas, mediadas por uma força de atração. Toda influência e mecanismo gerados por pessoas que detêm o poder de coação da mídia induzem situações e comportamentos sem questionamentos. O marketing tem um poder de atração, pois vende uma imagem por meio desses mecanismos que subliminarmente geram desejos e necessidades de consumo, induzem comportamentos para que as pessoas se sintam inseridas no contexto da sociedade. A mídia e o marketing têm o poder de influenciar e persuadir a escolha das pessoas independentemente da classe social.

Este sonho de ser jogador de futebol sofre influência da mídia, da cultura brasileira, é estimulado pela família e está vinculado ao processo de identificação com o clube e com o jogador.

Para Pimenta (apud ARAUJO FILHO, 2009, p.53)<sup>3</sup>:

[...] Não restritas ao prazer da prática, as identificações com o futebol se ampliam pela afinidade com o clube e com os ídolos. Antes de constituir o sonho da carreira futebolística, o jovem desenvolve identificações com determinado clube e com um determinado jogador. O clube e o jogador passam a ter um significado importante na trajetória do interessado.

Por conseguinte, surge uma identificação por parte do torcedor (fã) com o atleta (ídolo), pois, ele é a representação de muitos dos seus sonhos e desejos.

Tal fato contribui para o surgimento do fenômeno que é o futebol, aliado ao referencial do ídolo a ser seguido. A identificação com o ídolo e sua figura arquetípica atrai e impulsiona o desejo pela conquista da carreira, transformando-se em um referencial.

---

<sup>3</sup> PIMENTA, Carlos Alberto M. Sociologia da juventude: futebol/paixão/sonho/frustração/violência. São Paulo: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2006.

Para Helal, Soares e Lovisolo (2001, p.154):

[...] Um fenômeno de massa não consegue se sustentar por muito tempo sem a presença de “heróis”, “estrelas” e “ídolos”. São eles que levam as pessoas a se identificarem com aquele evento. Eles representam a nossa comunidade, frequentemente sobrepujando obstáculos aparentemente intransponíveis.

É possível comparar o futebol com a religião. Assim como é necessária a identificação com um arquétipo que ofereça um significado para que a “crença” se mantenha. Só assim é possível se reconhecer no outro e encontrar um sentido para seguir na busca pelo objetivo, seja ele qual for.

Essa característica do “ídolo-herói” acaba por transformar o universo do futebol em um terreno extremamente fértil para a produção de mitos e ritos relevantes para a comunidade (HELAL; SOARES & LOVISOLO, 2001).

No Brasil, o futebol se tornou um símbolo de identidade nacional, na qual o brasileiro se reconhece enquanto cidadão e também reconhece seu país. O futebol foi estimulado por questões e interesses políticos. Existem fatores positivos em relação ao fenômeno futebolístico, entretanto, há de se reconhecer que também existem questões negativas no interesse de alienar o seu público.

Silva e Santos (2005, p.15) observam que “os brasileiros apreendem, desde cedo, que o futebol – tal como o samba, o carnaval, as mulheres sensuais e a caipirinha – é dom exclusivamente nacional”.

Tais questões fazem parte da identidade dos brasileiros enquanto indivíduos inseridos em sociedade. É uma forma de identificação mútua, um reconhecimento de si mesmo refletido no coletivo, que se transforma na imagem da nação com características próprias. Cada país tem sua “personalidade”, no caso do Brasil essa identificação se fez mais forte por meio do futebol, até mesmo porque, no Brasil, sua história de colonização contribuiu para a construção da identidade brasileira e suas particularidades.

Para Wisnik (2008, p.34):

[...] A escolha do time de futebol redobra, por um gesto nosso, a sujeição primeira a um nome, a inclusão na ordem da linguagem e a identificação inconsciente com um objeto de amor. Ou seja, reencena as bases do nosso processo de identificação, dando-lhe um fantástico teatro em que se desenvolver e se esquecer. Alimentado e açulado pelas motivações grupais e sociais, não é à toa que passamos a defendê-lo pela vida inteira, às vezes furiosa e desesperadamente.

O futebol é um fenômeno cultural e social, porém, é necessário ponderar as questões que fazem dele um “negócio” de grande rentabilidade nos mais variados segmentos econômicos.

A identificação com o clube de futebol, com seu símbolo, sua camisa, etc. é estimulada pelo marketing que, em contrapartida, impulsiona o consumo da marca por meio dos produtos.

Para Wisnik (2008, p.52) “enquanto psicologia de massas, o futebol se inclui, em princípio, entre aquelas formações de hipnose compartilhada em que o sujeito se identifica cegamente”, ao lado de outros que compartilham a sua identificação, com um objeto no qual reconhece um ideal de eu – no caso, o clube como ídolo, e os ídolos do clube a seu serviço.

Tal identificação propicia um sentimento de pertencimento, o que faz do futebol um dos esportes mais jogados no mundo. Acessível a todos de forma universal emerge uma diversidade interna e nela é capaz de absorver e expressar culturas (WISNIK, 2008). O futebol é praticado pelas mais variadas culturas e classes sociais nos mais variados lugares do mundo.

Mesmo que não seja o futebol, mas sim outro esporte coletivo de competição, como por exemplo o Rugby, Basquete, Vôlei, etc., o que se destaca é a influência exercida sobre a população e a identificação existente por parte dos torcedores.



O futebol tem o poder de unificar os povos e demonstrar que todos são iguais permitindo que, em muitos momentos, as diferenças sejam esquecidas em busca do mesmo interesse que, no momento do jogo, passa a ser único para todas as raças e classes sociais, desde que não seja pelo time adversário.

Adriana Bernardes Pereira (2009, p.8), em sua resenha crítica, enfatiza que no futebol:

[...] até hoje, e talvez mais do que nunca, a busca pelo domínio do conhecimento como ciência e seu produto tecnologicado e midiaticado espetacularizam e corrompem tanto quanto salvam ou libertam. Isso propiciou o surgimento de uma irracionalidade calcada na paixão pelo esporte, que talvez seja o único meio de ascensão social para muitos, que gera identidade nacional e, a cada quatro anos, uma sensação coletiva de pertencimento à nação. Em um país de tamanha desigualdade social como o Brasil, o futebol, assim com o carnaval e as telenovelas, tem o sentido do “circo” que alegra e distrai o povo cheio de necessidades que, literalmente, está sem “pão”.

O marketing e a mídia imobilizam a capacidade crítica das pessoas e as transformam em simples consumidores de seus produtos e serviços. Isto ocorre e é aceito de forma automática. Neste caso, o futebol é visto com paixão e como uma das únicas possibilidades de ascensão social, uma vez que a situação econômica e social do país não demonstre muitas perspectivas, ao menos ao entendimento da sociedade.

Diante de tanta influência perde-se a capacidade de criticar, opinar e surge a aceitação a tudo que é imposto indiretamente.

Alguns estudos sociológicos sobre futebol exprimem que o jogo é a expressão dos conflitos sociais, um instrumento de necessidade, capaz de manifestar choques sociais (WISNIK, 2008).

É possível dizer que Brasil e a Alemanha são países que possuem uma história em comum no futebol:

[...] Por volta de 1919 no Brasil e em torno de 1922 na Alemanha – o futebol já é um esporte de massas, mobilizando milhares de pessoas e enchendo estádios especialmente construídos para este esporte. Mais importante de tudo: a partir dos anos 20 do século XX, o futebol é, em ambos os países, um esporte popular, praticado nas escolas, nas ruas e nos campos improvisados (SILVA; SANTOS, 2006, p.17).

O futebol também pode ser reconhecido como parte de um grande psicossociodrama ritualizado. Para Wisnik (2008, p.50):

[...] Pode-se associar genericamente o SPFC à burguesia paulista, o Palmeiras à classe média, o Corinthians às classes populares e parte da nova torcida santista a jovens pobres e semidelinquentes (...) mas essa tipificação (...) resultaria numa redução grotesca, se tomada à letra como descrição de um mundo futebolístico paralelo ao espectro social.

O futebol é capaz de estreitar relações e aproximar pessoas de diferentes realidades sociais, tem o poder de unificar, transmitir e reforçar um sentimento de igualdade e pertencimento. O sentimento de conquista e união transpassa o reconhecimento de força e a nação se reconhece e subentende que a vitória também é conquistada fora dos gramados. A vitória do trabalho, da luta diária, do crescimento, de novos horizontes e novas conquistas. Este sentimento move o país, permite o reconhecimento da força de uma nação e impulsiona a população rumo a novos desafios, a acreditar em sua força, torcer, jogar no seu time – sua pátria.

Silva e Santos (2006, p.210) reconhecem que:

[...] o futebol não só abriu espaço para a classe média, mas também afetou muito o público em geral, despertando interesse, produzindo a lealdade nos grupos, o sentido de diversidade dentro da cidade e elos horizontais entre grupos em uma sociedade dominada por laços hierárquicos e verticais.

O futebol, além de reflexo da identidade de um povo é, sobretudo, movido por paixão, conforme observa Claudia Mattos (1997, p.97):

[...] O futebol, paixão do povo, já foi um fator de influência na história do país. Os clubes interferiram decisivamente nos destinos das cidades. Cada qual com o seu caráter, com o seu jeito de ser. Há cem anos cada cidadão é colocado diante da escolha de um time. Optar significa abraçar o caráter de cada clube.

O país do futebol, portanto, é resultante de uma trajetória social complexa, envolvendo os mais variados grupos sociais. “O futebol constituiu-se em um momento único de identificação popular, nacional e de grupo, mais forte do que os partidos políticos, as religiões ou mesmo as escolas de samba, as outras histórias de paixões” (SILVA e SOUZA, 2006, p.31).

A concepção ideológica de uma identidade brasileira veiculada à imagem do futebol também contribui consideravelmente com o sonho de ser jogador de futebol.

Muitos destes jovens sonhadores vêem no futebol uma possibilidade de ascensão social, uma oportunidade de obter sucesso e aceitação social. Caso ele não consiga ser um profissional do futebol, acaba por projetar seus sonhos e expectativas nos atletas-heróis.

Para Araujo Filho (2009, p.46), determinados jogadores são transformados em “paradigmas dos anseios sociais” e complementa:

[...] São muitos os motivos que fazem do futebol profissional no Brasil como a profissão mais cobiçada, principalmente, é claro, pelos jovens, que além dos aspectos físicos conquistados (o corpo perfeito), outros aspectos também importantes se destacam, entre eles: ter sucesso com o público, com a imprensa, com as mulheres, ter carrões e cartões de crédito para gastar, casas novas, viajar o mundo. Tudo isso faz parte dos “elementos de sedução”.

Do mesmo modo enfatiza:

[...] Nenhuma outra profissão no Brasil apresenta tantas credenciais para se imortalizar como a profissão mais cobiçada do mundo, principalmente, é claro, pelos jovens (...), devemos considerar outros aspectos importantes, entre eles: (...) ser aplaudido, ser matéria de jornais e revistas especializadas, (...) viajar o

mundo e ainda ter sucesso arrancando suspiros de belas mulheres (ARAUJO FILHO, 2009, p.71).

Tais sonhos, ilusões e projeções não são frutos somente dos jovens que sonham em ser um jogador de futebol. Como consequência deste fenômeno social, os familiares também influenciam neste comportamento. A necessidade de ser aplaudido, de sentir-se imortalizado, valorizado e reconhecido faz com que o futebol seja uma das profissões mais cobiçadas, pois, qualquer pessoa, independentemente da condição financeira ou intelectual pode alcançar esta profissão, desde que tenha talento e oportunidade.

Uma vez que, diante do mundo capitalista, o dinheiro transmite uma sensação de “poder” sem limites e isso se manifesta como auto-afirmação perante a sociedade, por meio do status e da conquista material. O atleta, por influência da mídia, dos aplausos, do estrelato, do reconhecimento e do sucesso, acaba, por muitas vezes, assumindo uma nova identidade sem perceber. Isso faz com que ele dependa da aprovação e do reconhecimento do outro para se reconhecer.

Diante deste contexto a criança, o jovem torcedor, o pai – que também participa deste cenário como um telespectador – cria em seus ideais a imagem representada pelo jogador de futebol. O sonho de ser igual para ser reconhecido e aceito, sustentando a falsa impressão de que o oposto disso é o nada. Incentivado por seus pais e familiares que participam e, da mesma forma, sonharam na infância e juventude.

É criada uma falsa necessidade de consumo, status, etc., utilizando o futebol como uma ferramenta para este objetivo.

Em sua Tese de Doutorado, Pimenta (apud ARAUJO FILHO, 2009, p.71)<sup>4</sup> realiza entrevista a um jogador de futebol profissional que diz:

---

<sup>4</sup> PIMENTA, Sociologia da juventude: futebol/paixão/sonho/frustração/violência. São Paulo: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2006.

[...] Essa é a vida que eu quero ter (pelo menos, segundo ele, passou por sua cabeça), ser jogador bem remunerado, ter vida boa, conhecer praticamente o mundo inteiro em função do futebol, estar sempre na mídia, todo mundo falando. Acho que todo mundo quer uma vida assim e procura ter uma vida desse jeito (...) eu acho que eu ia gostar dessa vida, mulheres, dinheiro. Também, nossa ! Mulheres, dinheiro, carro, viagens, tudo.

Contudo, os jovens sonhadores desconhecem que essa trajetória profissional não é fácil. De acordo com entrevista realizada por Pimenta a outro jogador de futebol <sup>5</sup>:

[...] para ele chegar nesse estágio ele tem que trabalhar muito, ele tem que ser sério, que ser determinado em setores diversos, na parte física, na parte técnica, na parte social, na parte relacional com os jogadores e com o clube. Tem que ter vontade de vencer, não sentir saudades da família, dar sorte, enfim não é só futebol (PIMENTA, 2006 apud ARAUJO FILHO, 2009, p.48).

Além da dedicação para seguir a carreira de atleta profissional em um esporte de alto rendimento, a determinação inerente ao atleta é necessária tanto na carreira esportiva como em outros segmentos da vida. É preciso saber aceitar perder, assim como ocorre em uma partida de futebol, pois, nem sempre estes jovens sonhadores se tornarão atletas e conseguirão seguir este sonho futebolístico.

Quando isto ocorre, estes jovens atletas não possuem uma opção de carreira, pois os que buscam o caminho do futebol, dificilmente empregam atenção aos estudos ou alternativa de trabalho.

Tal fato demonstra a necessidade e importância de uma formação paralela ao treinamento do atleta, assunto este que será abordado mais adiante neste trabalho de pesquisa. É sabido que esta profissão não exige um preparo intelectual ou uma formação escolar.

---

<sup>5</sup> PIMENTA, Sociologia da juventude: futebol/paixão/sonho/frustração/violência. São Paulo: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2006.

Ser um jogador de futebol bem sucedido faz parte do ideal imaginário do brasileiro. Assim como citado anteriormente, a indústria do capitalismo, por meio da mídia, destaca os atletas bem sucedidos.

Uma vez identificado, o futebol é a resposta para a exclusão social, pois, ele vende o glamour milionário e a resposta ao problema financeiro.

A magia do futebol, somada aos mecanismos utilizados pela mídia, requer uma compreensão das dificuldades existentes na realidade, mesmo para os atletas que não seguem a profissão, possuem uma carreira mais curta que o normal ou que não seja bem sucedida. O futebol tem essa característica simbólica que dificulta que estes jovens apaixonados considerem a realidade. Não é possível desassociar a influência da mídia na construção do sonho do futebol, responsável, mesmo que em parte, pela construção do imaginário.

O futebol, por ser um fenômeno que mobiliza a sociedade, deve ser aplicado na conscientização dos povos e, não, utilizado como instrumento de manipulação e consumo na forma de alienar aos cidadãos.

## CAPÍTULO II

### O ATLETA E A PRÁTICA PROFISSIONAL DO FUTEBOL

O atleta profissional de futebol é, inicialmente, o torcedor que conseguiu seguir a carreira futebolística. Seguiu e conquistou seu sonho idealizado na infância, incentivado pelos pais e o meio em que viveu. Conquistado esse sonho, o atleta inicia sua busca, enquanto cidadão, pelo sucesso e ascensão profissional.

O atleta profissional de futebol, primeiramente, deve ser reconhecido como um cidadão, com seus direitos e deveres.

De acordo com a definição do Dicionário Aurélio, cidadania é “a qualidade ou estado do cidadão”. Por cidadão se define “o indivíduo no gozo dos direitos civis e políticos de um Estado, ou no desempenho de seus deveres para com este”.

Isto implica no efetivo “exercício dos direitos civis, políticos e sócio-econômicos”, bem como na participação e contribuição para o bem-estar da sociedade. Ser cidadão implica em enfrentar o desafio para defender e implementar seus direitos <sup>6</sup>.

Para Camila Custódio (2007) <sup>7</sup>:

[...] o jogador de futebol, antes de ser jogador é cidadão, que vota, tem consciência política, direitos e deveres sociais. O desenvolvimento da cidadania se constrói com a formação do ser social e temos no futebol um campo para o exercício pleno da cidadania, já que ser cidadão implica intervir na realidade em que se vive.

---

<sup>6</sup> Cartilha da Cidadania - CODIC – **Coordenadoria dos Direitos da Cidadania - Governo do Estado do Paraná**. Disponível em: <[http://www.codic.pr.gov.br/codic/arquivos/File/cartilha\\_da\\_cidadania.pdf](http://www.codic.pr.gov.br/codic/arquivos/File/cartilha_da_cidadania.pdf)>. Acesso em: 02 jun 2010.

<sup>7</sup> CUSTODIO, Camila. Jogadores precisam receber orientações de cidadania. **Universidade do Futebol**. Agosto 2007. Disponível em: <<http://www.universidadedofutebol.com.br>>. Acesso em: 02 mar. 2009.

Ainda que este trabalho de pesquisa não objetive descrever a história do futebol, bem como a história do seu profissionalismo – uma vez que existem diversos autores que a fizeram de forma brilhante – cabe ressaltar alguns aspectos de forma bem resumida.

Há quem diga que o futebol chegou ao Brasil por intermédio dos marinheiros ingleses. Entretanto, a versão mais aceita é a de que o futebol tenha chegado ao Brasil como um esporte de elite, divulgado por Charles Miller<sup>8</sup> e logo se popularizou entre os trabalhadores das fábricas na década de 1920.

O futebol se tornou uma preferência de todos e começou a ser praticado nas fábricas. Uma produção de jogadores candidatos a craques e uma forma que os proprietários das indústrias encontraram para propiciar lazer aos trabalhadores. No início do século XX, a primeira manifestação do esporte no país se caracterizou como lazer, diferenciando o esporte e atividade profissional. (MARTORELLI, 2010).

Surgiram, então, os campeonatos oficiais, onde a empresa tinha de recorrer aos operários, porque não havia executivos suficientes na fábrica, e com nível técnico que pudessem compor a equipe. O “jogador-operário” que integrava a equipe, passava a pertencer a um novo padrão profissional. Alguns clubes pertenciam aos dirigentes das empresas, conseqüentemente, os atletas participantes das equipes tradicionais eram os “funcionários” destas empresas vinculadas aos clubes. Desta forma, pessoas de classe social inferior eram contratadas quando se destacavam jogando futebol praticado nas várzeas dos rios, ou aqueles que jogavam em clubes de menor expressão e que não participavam de equipes da divisão principal dos campeonatos (MARTORELLI, 2010).

Os trabalhadores perceberam que se eles se destacassem nos jogos, seria possível integrar o mundo futebolístico, obter uma renda, além da possibilidade de

---

<sup>8</sup> Aos dez anos, foi estudar na Inglaterra. Aprendeu a jogar futebol na Bannister Court School. Foi um entusiasta do desporto em geral e um dos grandes propagadores do futebol no Brasil. Retornou ao Brasil em 1894 para trabalhar na São Paulo Railway (posteriormente Estrada de Ferro Santos-Jundiaí (EFSJ). Trouxe na bagagem duas bolas usadas, um par de chuteiras, um livro com as regras do futebol e uma bomba de encher bolas. Miller foi fundamental na montagem do time do São Paulo Athletic Club (SPAC) e a Liga Paulista de Futebol, a primeira liga de futebol no Brasil. É considerado o pai do futebol brasileiro.



disputar os campeonatos organizados. Conseqüentemente, esse processo resultou na prática profissional da atividade esportiva do futebol no Brasil. “Envolvido por questões de classe social, interesses financeiros, afirmação de identidades, racismos e preconceitos de toda a ordem. Questão reflexa até os dias de hoje” (MARTORELLI, 2010, p.135).

Em 1915, os paulistas criaram a Federação Brasileira de Futebol (FBF) e, no mesmo ano, os cariocas fundaram a Federação Brasileira de Desportos. Em 1930, ano que Getúlio Vargas chegou ao poder, foi também o ano da realização da primeira Copa do Mundo.

No ano de 1933 houve a implantação do futebol profissional no Brasil, de forma precária, mas suficiente para estabelecer o marco mais importante na história do futebol brasileiro. Essa mudança teve apoio do Governo de Getúlio Vargas (1930-1936), que por meio de legislação social e trabalhista, regulamentou o futebol como profissão.

A derrota na copa de 1934 mudou a história do amadorismo no Brasil. Atletas começaram a atuar em clubes estrangeiros, pois, alguns clubes já remuneravam seus atletas.

A popularização do futebol, alguns anos depois, acompanhada pela profissionalização do futebol rompeu barreiras preconceituosas, favorecendo a participação de todos.

É válido ressaltar outra semelhança sobre a história do futebol entre Brasil e Alemanha:

[...] em ambos os países, o futebol passou por forte “crise de crescimento”: lá e cá, quase à mesma época – entre 1923 e 1930 –, o futebol conheceu a crise do chamado “amadorismo”, uma regra impositiva, herdada das tradições aristocráticas britânicas e que excluía pobres e operários dos times, no caso da Alemanha, ou, ainda uma vez, pobres, negros e mestiços, como no Brasil (SILVA; SANTOS, 2006, p.17).

O cenário do futebol brasileiro se transformou e com ele a imagem do jogador. O acesso ao futebol não era mais somente do jovem estudante universitário, até então exclusivo de classes sociais financeiramente favorecidas. Qualquer homem que comprovasse seu talento, teria chances de jogar em um clube, até então, considerado de elite (MARTORELLI, 2010).

Portanto, o atleta profissional de futebol brasileiro é este, que em sua maioria, vem dos campos de várzea, sonha, luta, aguarda uma oportunidade e sucesso, espera que seus sonhos se realizem e associa sua imagem ao “ser” brasileiro.

A definição de profissional reconhecida pela Lei 9.615/98 – Lei Pelé, em seu artigo 28<sup>o</sup> declara:

“A atividade do atleta profissional, de todas as modalidades esportivas, é caracterizada por remuneração pactuada em contrato formal de trabalho firmado com entidade de prática desportiva, pessoa jurídica de direito privado [...]”.

O futebol, reconhecido como profissão, manifesta em sua história a discriminação e o racismo existentes no Brasil, bem como a inteligência e versatilidade de seu povo.

Conforme descrevem Silva e Santos (2006, p.208):

[...] À medida que o trabalho, sob as novas formas do capitalismo, foi tendendo cada vez mais estruturalmente à padronização, foram restando poucos setores onde essa atividade poderia se transformar em fonte de satisfação pessoal, ou onde as pessoas poderiam exercer seu saberes. O futebol, como espaço de resistência, acresce-se, assim, de importância e significado como local de criação e recriação da cultura dos trabalhadores.

---

<sup>9</sup> BRASIL. Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998. **Presidência da República – Casa Civil – Subchefia para Assuntos Jurídicos**. Brasília, DF. 24 março 1998. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9615consol.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9615consol.htm)>. Acesso em: 10 maio 2010.

Diante da realidade econômica e social do Brasil e da popularização do futebol, a origem do atleta de futebol profissional vem, em sua maioria, de classes sociais financeiramente desfavorecidas.

Isso, somado à falta de politização do brasileiro, faz com que exista a perda da cidadania, onde, na maioria das vezes, não se reconhece seus direitos e deveres. Como consequência, um povo omissos, conformado e manipulável.

O atleta profissional enquanto cidadão comum é, diante de seus espectadores, um “herói que possui um dom”, no qual muitas vezes é transformado em ídolo, espelhando e sendo modelo de motivação para seus fãs torcedores. Até mesmo para as pessoas de convívio próximo ao atleta, como familiares e amigos, existe uma visão diferenciada deste “mito-atleta”.

De acordo com Adriana Bernardes Pereira (2008), em sua Tese de Doutorado em Psicologia Social - PUC-SP, é possível observar por meio de entrevistas realizadas às pessoas presentes no cotidiano de 6 atletas <sup>10</sup>, no qual expressam por palavras seus entendimentos sobre o que é ser um jogador de futebol.

Na fala das mães dos jogadores das diferentes categorias estudadas:

[...] ser um jogador profissional de futebol está associado a: possibilidade de ganhos financeiros e culturais por meio de contratos e viagens que supririam a falta dos estudos; possibilidade de conhecer outros lugares acompanhando o filho, que teria a oportunidade de retribuir todo o cuidado já recebido; ajudar financeiramente a família; fazer o que gosta e, com isso, ter prazer, além de amadurecer com as dificuldades do percurso; aprender a ser responsável e dedicado e a obter vantagens (PEREIRA, 2008, p.143).

Na fala dos irmãos dos jogadores das diferentes categorias estudadas:

---

<sup>10</sup> Foram entrevistadas pessoas presentes no cotidiano de 6 atletas de futebol. As categorias de atletas estudadas nesta entrevista para a Tese de Doutorado em Psicologia Social foram: dente-de-leite (5 anos de idade), infantil (7 anos de idade), mirim (10 anos de idade), júnior (14 anos de idade), juvenil (17 anos de idade) e profissional (34 anos de idade).

[...] ser um jogador de futebol profissional está associado a: ter responsabilidade profissional; obter fama e sucesso por meio de seu próprio esforço e dedicação; trabalhar duro desde cedo, mas ter prazer e satisfação com os lucros do seu próprio trabalho (PEREIRA, 2008, p.144).

Na fala das namoradas dos jogadores e das esposas das diferentes categorias estudadas:

[...] ser um jogador de futebol profissional está associado a: ter dinheiro pelo preço de se ausentar das pessoas que gosta; não só jogar e pegar o dinheiro, mas participar de treinos, se ausentar sábados e domingos, deixar de participar de festas familiares em decorrência das inúmeras viagens; deixar tudo por um sonho que se realiza com muita vontade e determinação, mas quem tem o dom consegue (PEREIRA, 2008, p.145).

É possível observar a interpretação destas pessoas, como se estes atletas já fizessem parte da categoria profissional e, com isso, reconhecer duas visões de realidade: a do real jogador de futebol, enquanto cidadão comum e a do jogador herói, modelo e muitas vezes objeto do capitalismo.

Também é possível observar uma visão um pouco diferenciada das anteriores, realizada com os pais destes mesmos atletas.

Na fala dos pais dos jogadores das diferentes categorias estudadas:

[...] ser um jogador de futebol profissional está associado a: imagem para o outro; bem-estar financeiro, com responsabilidade e possibilidade de se “perder” no processo em decorrência dos apelos de consumo e divertimento, antagônicos à disciplina requerida do atleta; instabilidade em função da idade e da exploração que o sistema impõe aos jogadores; ser capaz de aproveitar todas as chances (PEREIRA, 2008, p.142).

Deste modo o atleta (jogador de futebol) passa a ser um objeto que deve responder às expectativas do seu das pessoas. Ele perde a voz ativa, suas opiniões não importam, basta apenas que esteja disponível para cumprir seu papel. Ao se

pensar em ciência, o atleta é alvo de experiências para um melhor desempenho técnico, testes para aumentar seu rendimento, estudos da medicina, etc. Com isso subentende-se que é possível “moldá-los” para vencer, transformá-los e adaptá-los de acordo com as necessidades econômicas e sociais, mas o atleta, enquanto pessoa e cidadão comum pouco é observado.

O atleta profissional sempre foi visto como um “objeto” na história do futebol e, nem sempre, reconhecido e valorizado como “sujeito”. Ele só será reconhecido desta forma, bem como seus desejos, necessidades e suas habilidades quando deixar de realizar a função de responder a todas as demandas estabelecidas pelos que envolvem o futebol (dirigentes, torcedores, mídia, etc), condição esta que nem sempre é possível.

O sucesso e a aceitação social também fazem parte da vida de alguns jogadores de futebol. A mídia promove e coloca alguns atletas em evidência e ascensão, como também os reduzem. É capaz de evidenciar o sucesso com o objetivo de vender jornais, revistas, etc. No que se refere à exposição das dificuldades existentes, esta não é feita de forma destacada, mas utilizada de formas sensacionalistas que garantam audiência.

“No esporte brasileiro, em geral, é preciso surpreender, produzir feitos dentro de suas modalidades, de modo a justificar sua posição de ídolo nacional, mesmo com a ajuda e o esforço da mídia em alçá-los a esta posição” (ARAUJO FILHO, 2009, p.52).

Entretanto, a realidade nem sempre é assim, pois, nem todos chegam a obter sucesso e conseguir trabalho em grandes clubes com altos salários. A grande maioria dos atletas profissionais de futebol, passa por necessidades financeiras, mesmo durante a carreira, devido à falta de pagamento de salários, contratos profissionais com promessas ilusórias e lesões corporais.

## **2.1 A PROFISSÃO ATLETA**

### **2.1.1 Qualificação necessária e ingresso na carreira de maneira precoce.**

A dedicação à carreira futebolística, dentre outras carreiras do esporte, requer uma iniciação precoce, bem como um maior tempo de dedicação, treinos e concentração com a equipe. Esta precocidade faz com que o atleta não dê continuidade aos estudos, pois o trabalho se torna prioridade.

Este fato pode ser adicionado à “utopia” de que o atleta nasce com um talento, tornando-se a única qualificação necessária para o exercício da profissão, ou seja, não se faz necessária outra qualificação para o ingresso na carreira, apenas a habilidade esportiva.

Tais fatores podem ser somados às questões sociais, financeiras e familiares, nas quais os pais transformam suas frustrações em sonhos e estes são projetados em seus filhos. O jovem atleta fica longe de casa e o estudo, mais uma vez, acaba sendo esquecido e deixado para trás como última opção.

De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), realizada pelo IBGE<sup>11</sup>, é possível observar que apenas 9% da população na faixa etária de 18 a 24 anos estão cursando educação superior, sendo que 40% dos estudantes universitários brasileiros têm mais de 24 anos (em função da crônica distorção série/idade), faixa normalmente utilizada nas comparações internacionais.

Por outro lado, muitos empresários interessados em “comercializar” o atleta fazem promessas de contratos com altos salários, e mais uma vez, o jovem atleta acaba optando por sua carreira profissional. Este fato pode ser aliado ao despreparo dos pais e familiares para lidar com empresários e com a possível mudança de realidade.

---

<sup>11</sup> IBGE, Set. 2007. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 05 maio 2010.

A profissão atleta vem acompanhada do reconhecimento e aceitação social por parte dos familiares, amigos, torcida, etc. Todos estes fatores contribuem enormemente para a não escolaridade e formação profissional complementar do atleta.

De acordo com a Lei 9.615/98 – intitulada Lei Pelé, é possível que o atleta assine o primeiro contrato de trabalho profissional com 16 anos de idade. Entretanto, antes mesmo desta fase, os atletas treinam em clubes e realizam testes (as famosas “peneiras”) como formas de ingressar nas categorias semi-profissionais do clube, pois, com isso se torna possível a efetivação de propostas de contratos profissionais.

É necessário, também, enfatizar que nessa fase da vida – entre 15 e 30 anos de idade – é presente certa imaturidade emocional. Esta imaturidade é parte da carreira da maioria dos atletas profissionais de futebol, devido à idade necessária para a realização desta profissão.

A maior parte dos meninos e jovens que se tornam atletas vem de classes sociais menos favorecidas. Mais um motivo que demonstra a necessidade de educação e promoção da cidadania em sua jornada, seja ela destinada ao futebol ou não.

O Serviço Social reconhece a necessidade de uma ação preventiva direcionada aos atletas em formação, conforme aponta Guilherme Costa (2007)<sup>12</sup>:

[...] O serviço social ligado ao esporte é uma forma de preparar os jogadores para a carreira e para depois da carreira. Eles precisam ser inseridos no contexto social para entenderem as transformações que terão na vida e para saberem aproveitar isso.

Portanto, o trabalho social necessita ser realizado desde a fase inicial (atleta em formação), pois, muitos não chegam a se profissionalizar, o que torna esse preparo indispensável e, mesmo quando os atletas estão na categoria profissional, muitos não

---

<sup>12</sup> COSTA, Guilherme. A importância do Serviço Social para o sucesso no futebol. **Universidade do Futebol**. Agosto 2007. Disponível em: <<http://www.universidadedofutebol.com.br>>. Acesso em: 02 mar. 2009.

chegam a receber altos salários. Além de ser uma carreira relativamente curta, na qual não é exigida formação escolar e, nem mesmo, realizado algum tipo de acompanhamento.

Não há dúvidas de que as horas de dedicação ao trabalho são grandes, incluindo a necessidade de disponibilidade para viagens. Outro fator que faz postergar o interesse por uma formação complementar.

### 2.1.2 Mercado de Trabalho

O futebol, como em toda profissão, é um meio competitivo. Atletas veteranos com salários mais altos, perdem oportunidades de trabalho nos clubes para atletas mais jovens. Uma concorrência idêntica ao mercado de trabalho em geral.

Independentemente do fator idade, a questão do desemprego ocorre há anos em todo o mundo. Esta questão surge devido à necessidade de qualificação profissional (para cumprimento da exigência do mercado), questões de oferta x procura (superpopulação) e passa por questões econômicas e sociais.

De acordo com informações divulgadas pela **Organização Internacional do Trabalho**<sup>13</sup> (OIT) os países do mundo estão passando por uma recessão social, onde o aumento do desemprego é significativo.

A reportagem realizada pelo Jornal Valor Econômico<sup>14</sup> divulga que:

[...] O número de desempregados em todo o mundo pode alcançar de 210 milhões a 239 milhões este ano, o que corresponde a taxas de 6,5% a 7,4%,

---

<sup>13</sup> Fundada em 1919 com o objetivo de promover a justiça social, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) é a única das Agências do Sistema das Nações Unidas que tem estrutura tripartite, na qual os representantes dos empregadores e dos trabalhadores têm os mesmos direitos que os do governo; Desde 1999, a OIT trabalha pela manutenção de seus valores e objetivos em prol de uma agenda social que viabilize a continuidade do processo de globalização através de um equilíbrio entre objetivos de eficiência econômica e de equidade social.

<sup>14</sup> Onda de desemprego ameaça estabilidade de países, diz a OIT. **Valor Econômico**, São Paulo, maio 2009. Disponível em: <<http://www.fazenda.gov.br/resenhaeletronica/MostraMateria.asp?page=&cod=556375>>. Acesso em: 06 novembro 2009.



bem acima das estimativas mais recentes, devido à deterioração das economias. Na América Latina, a taxa é ainda maior, entre 8,1% e 9,2%, ou respectivamente 22,6 milhões e 25,7 milhões de pessoas desempregadas em 2009.

O tempo necessário para a recuperação de emprego não é imediato, de acordo com informações fornecidas pela OIT, este fato ocorre somente após 4 ou 5 anos em média. “Isso indica uma perspectiva mais dramática para 45 milhões de jovens que entram todo ano no mercado em busca do primeiro emprego. Ou seja, é preciso que sejam criados 300 milhões de empregos até 2015 para absorver a entrada de novos trabalhadores”<sup>15</sup>.

Diante deste cenário ocorre uma pressão para a baixa dos salários e uma conseqüente redução na qualidade de emprego.

Da mesma forma, o futebol também sofre com o desemprego. Uma realidade bem diferente do que é mostrada pela mídia. Além disso, muitos atletas também sofrem com a falta de condições dignas de trabalho, devido às estruturas precárias de clubes (considerados profissionais) e baixos salários.

Em entrevista ao Jornal O Lance o presidente do Sindicato dos Atletas de Futebol do Estado do Rio de Janeiro, Alfredo Sampaio, reclama da falta de números oficiais sobre o desemprego e revela o levantamento feito por ele mesmo: “Em 2007, 22.813 atletas estavam registrados na CBF. Deste total, 11.711 jogadores (51,3%) recebiam até um salário mínimo. Já apenas 691 profissionais (3,0%) tinham vencimentos acima de 20 mínimos”<sup>16</sup>.

---

<sup>15</sup> Onda de desemprego ameaça estabilidade de países, diz a OIT. **Valor Econômico**, São Paulo, maio 2009. Disponível em: <<http://www.fazenda.gov.br/resenhaeletronica/MostraMateria.asp?page=&cod=556375>>. Acesso em: 06 novembro 2009.

<sup>16</sup> MONTEIRO, Carlos. Desempregados da Bola – Sonhos e Decepções – Bicos Fora das quatro linhas. **O Lance**, São Paulo, p.14, 23 junho 2009.

**JOGADORES REGISTRADOS NA CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL  
EM 2007 <sup>17</sup>**

**Registros na CBF em 2007**

Total de jogadores	22.813
até 1 salário mínimo	11.711
Até 2 salários	7.330
De 2 a 5 salários	1.811
De 5 a 10 salários	739
de 10 a 20 salários	531
acima de 20 salários	691

O desemprego, a falta de preparo e o sonho, somado a outros fatores citados anteriormente, contribuem para a que o atleta seja, em algumas situações, prejudicado. O fator idade, a concorrência, a maior oferta de jogadores do que a procura dos clubes, a indústria milionária, etc., contribuem para algumas desilusões.

De acordo com a observação de Arlei S. Damo (2002) citado por Araujo Filho (2009, p.60), a imprevisibilidade também faz parte da carreira do atleta profissional. “O futebol é tido como menos previsível dos esportes e, por esta razão, permeado por noções como aleatoriedade, sorte, destino, e assim por diante”.

<sup>17</sup> MONTEIRO, Carlos. Desempregados da Bola – Futebol Profissional ? – Abandono e críticas. **O Lance**, São Paulo, p.18, 25 junho 2009.

Para Araujo Filho (2009, p.60) “perder o emprego, no mundo atual, pode ser um dos piores momentos na vida de qualquer pessoa, assim como perder a carreira está fora de cogitação na cabeça da maioria dos jogadores de futebol profissional”.

Diante do desemprego e da falta de preparo, esses atletas acabam por procurar outras alternativas de trabalho para manter suas famílias:

[...] Braga – vice-campeão cearense pelo Fortaleza, em 2007, chegou a comer farelo de biscoito para não passar fome, durante um período de desemprego. Há um ano sem jogar, dirige carro de som para sustentar mulher e filha e pagar o aluguel do apartamento de um quarto onde mora, na Freguesia, Jacarepaguá<sup>18</sup>.

Existem inúmeros atletas que passam por situações de dificuldade:

[...] Bruno – lesionado quando defendia o Caxias, o atacante foi demitido e teve de pagar o tratamento com o próprio dinheiro. Aos 23 anos, desempregado há mais de um ano, corta cabelo com o pai na barbearia da família, em Caxias, onde mora<sup>19</sup>.

Mais um caso que ilustra a realidade social do futebol brasileiro e que, por muitos, é ignorado:

[...] Aos 30 anos, e com passagem pelo futebol eslovaco, Luizinho está sem clube há quase um ano. A sobrevivência vem do salário mínimo que ganha como agente de um projeto sócio-esportivo desenvolvido pela Superintendência de Desportos do Estado do Rio de Janeiro (Suderj) na comunidade<sup>20</sup>.

---

<sup>18</sup> MONTEIRO, Carlos. Desempregados da Bola – Sonhos e Decepções – Bicos Fora das quatro linhas. **O Lance**, São Paulo, p.14, 23 junho 2009.

<sup>19</sup> MONTEIRO, Carlos. Desempregados da Bola – Sonhos e Decepções – Bicos Fora das quatro linhas. **O Lance**, São Paulo, p.14, 23 junho 2009.

<sup>20</sup> MONTEIRO, Carlos. Desempregados da Bola – Roda Mundo – Em busca da dignidade. **O Lance**, São Paulo, p.26, 24 junho 2009.

As demais exigências do mercado de trabalho em geral, também estão presentes na vida profissional destes atletas. Em sua dissertação de mestrado Araujo Filho (2009, p.60) observa:

[...] Os jogadores de futebol profissional sofrem a mesma dinâmica. Deles é exigido competitividade, perfis técnicos, aliados às habilidades comportamentais e vigor físico para superar dores, cansaço, horas de trabalho, conflitos e adversidades, muito comum no futebol.

Dentre as muitas imposições desta carreira tão cobiçada, também não deixa de existir a impertinência por parte do público torcedor, que em alguns momentos consegue reconhecer o atleta como uma pessoa comum. De acordo com as reflexões de Helal, Soares e Lovisoló (2001, p.159):

[...] Observamos que na “derrocada” do ídolo, os fãs “descobrem” que o mito é um “mortal”, um “homem como outro qualquer”, que tem suas fraquezas, passa mal, dorme abraçado ao pai nos momentos difíceis, sofre de solidão, sente-se aprisionado e ainda, de forma emblemática, trata-se apenas de “um menino. Assim, na “queda” do ídolo, presenciemos a sua “humanização”. Ao invés do super-homem Ronaldinho, “descobrimos” Ronaldo, o homem, o mortal. Os fãs se familiarizam com ele e muitos querem lhe dar colo.

Mesmo com tantas exigências para uma “curta carreira”, o atleta se vê despreparado para enfrentar o mercado de trabalho que passa por momentos de crise e maior competitividade.

Diante de uma sociedade capitalista não se pode deixar de evidenciar que a imagem do atleta é utilizada como forma de influenciar a compra de produtos e serviços.

Em sua resenha crítica Adriana Bernardes Pereira (2009, p.6) ressalta:

[...] a cultura esportiva, e sobretudo o futebol, no Brasil e no mundo, constitui-se como inevitável tecido da vida do capitalismo avançado e apresenta-se como uma segunda natureza para os que dela fazem parte ou por ela se

interessam; (...) a condição pós-moderna apresenta um potencial que, se for aproveitado, pode levar o atleta a possibilidades de ganho pessoal e coletivo.

Caso o atleta adquira conhecimento sobre o funcionamento desse mecanismo, será capaz de fazer escolhas e reconhecer as vantagens desta fase em sua carreira. Para isso é necessária atenção e informação sobre os acontecimentos no meio esportivo. O atleta deve ser capaz de distinguir questões que envolvam o marketing, o espetáculo esportivo, o valor da sua imagem e não se permitir ser controlado.

Araujo Filho (2009, p.56) observa:

[...] muitos desses ex-jogadores de futebol profissional, que não tiveram parte nos lucros das empresas de marcas esportivas, chegam ao ostracismo e abandono ao final de suas carreiras, com uma fixação de “ex”: ex-ídolo, ex-jogador de futebol profissional. Já não atraem mais as marcas esportivas ou o marketing esportivo, quanto muito, atraem notícias em jornais sensacionalistas. Assim encerra a lembrança dos profissionais do futebol, denunciando, que sua participação social, foi importante apenas enquanto atendeu a interesses maiores que sua individual carreira.

A carreira de um jogador de futebol além de curta, exigente e imprevisível é, também, muitas vezes promissora e gratificante.

## **2.2 TRANSIÇÃO E TÉRMINO DE CARREIRA**

Estudos mostram que os atletas brasileiros, em sua maioria, jogam até os 32 anos de idade. Praticamente 12 anos de profissional, podendo o primeiro contrato significar quase a metade deste período <sup>21</sup>.

---

<sup>21</sup> NEUHAUS, Décio. Cartilha FENAPAF - Federação Nacional dos Atletas Profissionais de Futebol. Rio Grande do Sul, 2002.

Esta é uma das poucas profissões em que a carreira é curta, quando comparada às outras e, na qual, a experiência não é garantia de sua continuidade.

No futebol, o atleta profissional atinge seu auge perto dos 27 anos de idade e, após seus 30 anos, inicia a fase transição da carreira futebolística, onde se torna mais difícil manter a atividade e firmar contratos com grandes clubes. É nesta fase que acontecem casos de atletas renomados que passam por clubes de menor expressão, ou por centros futebolísticos com qualidade inferior. Na vida profissional “comum”, as pessoas atingem o auge de suas carreiras aos 35 anos de idade aproximadamente e após os 50 anos começam a perder espaço no mercado de trabalho.

De acordo com os ex-atletas entrevistados para este trabalho de pesquisa, todos exerceram a profissão por 15 anos em média. Iniciaram suas carreiras com aproximadamente 19 anos de idade e encerraram com idade média de 34/35 anos. Para a maioria destes ex-atletas, o motivo do término da carreira futebolística foi o fator idade.

Para Alfermann (2005), citado por Barros Neto, Agresta e Brandão (2008, p.505)<sup>22</sup>:

[...] A carreira esportiva é composta de uma sequência de sucessivas fases, com períodos de transição, identificadas como: a transição do esporte infantil para o juvenil, seguida da transição para o júnior e, finalmente, para o adulto; a transição do esporte amador para o profissional e a transição para o término da carreira esportiva.

Muitos atletas se vêem diante do término obrigatório de suas carreiras, não necessariamente por escolha ou por meio de um planejamento para a fase de transição, mas como consequência desta profissão, fato este que ocorre naturalmente.

De acordo com entrevista realizada pelo Jornal O Lance ao atleta Braga, em citação feita no início deste capítulo, já pensa no fim da carreira:

---

<sup>22</sup> ALFERMANN D. *Career transition and concomitant changes in athletes*. In: *Proceedings of the 11<sup>th</sup> World Congress of Sport Psychology*; Sidney, 2005.

[...] Apesar dos 35 anos, Braga, tal qual menino teimoso, insiste em sonhar. O fim da carreira está próximo, é evidente, mas ele ainda acredita em conseguir uma brecha em um clube qualquer; Dá para eu jogar ? Dá. Mas eu sei que a minha hora está chegando. Mas não troco minha idade pela dos garotos mais novos. Não tenho frustração. Joguei em clubes conhecidos, como o Fortaleza. Já joguei no Maracanã e, no Castelão, uma final com 78 mil pessoas. Tenho irmãos no futebol – lembra <sup>23</sup>.

O atleta Will, campeão sergipano pelo América, em 2006, e também desempregado há mais de um ano, diz:

“Não gosto de pensar em parar de jogar, mas eu já estou preparado. Há um ano foi doloroso saber que não apareceu nada. Mexe com o ego do atleta. A gente é preparado para milhões, para ficar rico. Se tiver uma oportunidade, vou agarrar com unhas e dentes, até porque estou maduro. Mas...” <sup>24</sup>.

A carreira do atleta profissional de futebol possui, de modo geral, curta duração e exige uma readaptação para o exercício de outra profissão.

Em entrevista realizada aos ex-atletas profissionais, atualmente, presidentes dos sindicatos dos atletas profissionais de futebol em alguns estados brasileiros, foi possível observar que a maturidade determina a maneira como esta fase é aceita. Tal comportamento é característico da individualidade do atleta e de sua personalidade.

Marcos Gaúcho, presidente do Sindicato dos atletas do Ceará, encerrou sua carreira aos 35 anos, “consciente de que chegava ao fim um ciclo de conquistas e profissionalismo”, no qual mais do que seus valores foram fundamentais para este momento: “os aprendizados, os lugares e amigos que fiz no decorrer dos anos”. Gaúcho começou a se preparar para término da carreira quando fez 30 anos de idade:

---

<sup>23</sup> MONTEIRO, Carlos. Desempregados da Bola – SONHOS E DECEPÇÕES – Bicos Fora das quatro linhas. **O Lance**, São Paulo, p. 14, 23 junho 2009.

<sup>24</sup> MONTEIRO, Carlos. Desempregados da Bola – RODA MUNDO – Em busca da dignidade. **O Lance**, São Paulo, p. 26, 24 junho 2009.

“Eram outros tempos, não se ganhava dinheiro como hoje e eu não consegui jogar em grandes clubes, por isso sabia que meu tempo de parar estava chegando e resolvi me condicionar a essa realidade”.

Para Oberdan Menezes, também ex-atleta profissional e atual presidente do Sindicato dos Atletas do Pará, o principal motivo do encerramento de sua carreira, aos 34 anos, foi gerenciar seus negócios no ramo de transporte. Oberdan diz:

“Senti-me feliz e muito contente de ter tido a oportunidade de ter sido um excelente atleta que, a todo momento, buscava estar entre os melhores da competição que participei e conseguir minha independência financeira”.

Para Alfredo Sampaio, presidente do Sindicato dos Atletas do Rio de Janeiro, um dos fatores que contribuiu para o encerramento de sua carreira foi:

“A dependência de empresários e de dirigentes de clubes, que tratavam as coisas visando sempre os interesses deles, depois o nosso. Para ir para o exterior, dependia de empresário. Para acertar com um clube no Brasil, dependia do entendimento de dirigentes, que, na maioria das vezes, queriam pagar pouco e exigir muito”.

Alfredo complementa:

“Eu já tinha me preparando para isso, pois, sempre vi o futebol como uma profissão instável, tanto, que (...) criei uma empresa de embalagens por saber que o futebol poderia falhar a qualquer momento e iniciei a Faculdade de Educação Física”.

Para Rinaldo Martorelli, que assumiu a presidência do Sindicato de Atletas de São Paulo quando atleta atuante, diz que foi “praticamente obrigado a interromper a carreira”, devido a sua atuação sindical incompatível com a atuação dos clubes e conflito de interesses:

“Mesmo se tivesse um curso superior, a aproximação da transição profissional sempre resulta numa grande insegurança, porque você não sabe como iniciar



uma nova carreira, porque já contava com idade teoricamente avançada – 33 anos – para me apresentar pela primeira vez ao mercado de trabalho”.

A insegurança nessa fase é comum, pois, se trata de um novo mercado de trabalho. É similar ao primeiro emprego, entretanto, com idade avançada em nova área de atuação. Mesmo que este trabalho seja no meio futebolístico, o que acontece com a minoria, pois, proporcionalmente, as oportunidades e quantidade de vagas no mercado esportivo são inferiores se comparadas à quantidade de vagas no mercado de trabalho comum. E muito menor se comparada à quantidade de jogadores que existem e que são necessários para a realização de uma partida de futebol.

O início da fase de transição de carreira está associado a diversas mudanças, dentre elas, até mesmo a “sensação” de que o atleta, enquanto contratado, é responsável pelos acontecimentos positivos e negativos desta fase. Contudo é necessário observar que algumas situações são conseqüências e ocorrem independentemente da vontade do atleta. Isso significa que mesmo que o atleta seja o responsável pelo término de sua carreira, é preciso que ele compreenda que se trata de uma circunstância natural, que ocorrerá com todos em determinada fase da vida.

Por mais que seja um acontecimento natural, que ocorre com todos os profissionais, seja do meio esportivo ou demais setores, esse término faz com que alguns questionamentos sejam levantados por parte do empregado, neste caso do atleta profissional de futebol.

De acordo com Barros Neto, Agresta e Brandão (2008, p.505), é evidenciado que<sup>25</sup> :

[...] Para os atletas de alto rendimento, o esporte é a energia que move a vida, é o marco de sua identidade. Entretanto, após anos de dedicação, por razões diversas, defrontam-se com o processo final de carreira do esporte. É quando

---

<sup>25</sup> BARROS NETO, Turíbio Leite de; AGRESTA, Marisa Cury e BRANDÃO, Maria Regina Ferreira. Causas e Conseqüências Físicas e Emocionais do Término de Carreira Esportiva. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v.14, n.6, dez.2008. Disponível em:<[www.ethikasaude.com/multimedia/download/?id=4](http://www.ethikasaude.com/multimedia/download/?id=4)>. Acesso em: 01 dez 2009.

se conscientizam de não terem sido preparados para enfrentar uma vida pós-esporte, pois negligenciaram a necessidade de um preparo para esse momento, iludidos de que a fama iria durar para sempre.

Para a Federação Européia de Psicologia do Esporte e Atividades Corporais (FEPSAC), a identidade esportiva pode ser considerada como “a força e a exclusividade” em que o atleta se identifica com o esporte, estimulada pelo reconhecimento social e o êxito financeiro que seguem os resultados positivos da carreira esportiva (BARROS NETO; AGRESTA; BRANDÃO, 2008).

O término de carreira pode ser um dos momentos mais difíceis na vida de um atleta profissional, uma vez que acarreta na mudança de seu estilo de vida e requer uma reinserção em suas relações sociais e profissionais.

O contato com o futebol desde a infância se torna presente na vida do atleta. Tal fato pode dificultar a identificação com outras áreas de atividade profissional quando surge a necessidade por profissões alternativas ao término de carreira. A aceitação desta mudança é indispensável para a continuidade e o equilíbrio de sua trajetória. Um fator que colabora para a dificuldade de aceitação, quando existente, é a influência ao longo da carreira, voltada somente às questões de resultados por parte dos dirigentes, sem o reconhecimento da indispensável valorização ao crescimento pessoal e profissional do atleta.

Araujo Filho (2009, p.45) cita as palavras de seu entrevistado, Melgávio Figueiró, ex-atleta de futebol profissional:

[...] Enquanto ele é jovem e tem suas energias todas, ele sendo um jogador realmente bom, está sempre em evidência. Já quando não tem aquela condição física de jogar, o jogador vai ser esquecido. Então é hora dele aproveitar o tempo que ele realmente tem condição de jogar. O tempo não é muito longo (...) é certo que eles aproveitam quando vêem mercadoria boa. Não só o jogador de futebol, o artista também, cantor... Eles procuram explorar o máximo deles.

Diante disto se faz necessário, mais uma vez, salientar a necessidade de preparo e planejamento para o pós-carreira. Como forma de favorecer esses atletas para que possam certificar uma segunda fase do seu futuro profissional, por meio de profissões alternativas e/ou complementares para sua “nova” trajetória profissional.

No máximo, o que pode ocorrer é uma atuação no meio esportivo. Mesmo assim, contando com sorte e reconhecimento de outras pessoas, contatos profissionais.

O atleta se vê diante do desafio de lidar com a fase de transição, ciente de que terá de se afastar da posição que dera sentido a sua vida, sem sentir-se desvalorizado e excluído socialmente.

Para Araujo Filho (2009, p.66) “muitos dos ex-jogadores têm dificuldade na aceitação desse novo “eu” – pois este não mais provoca emoções, não é mais aplaudido, levando muitos a criarem para si um “falso eu”, afastando-se de seu “eu” atual”.

Em sua Tese de Doutorado, Pimenta citado por Araujo Filho (2009, p.66), faz menção a mais uma parte da entrevista com um jogador de futebol<sup>26</sup>:

[...] Ao ídolo ou ao postulante é permitido o uso do corpo, mas sua capacidade intelectual restringe-se ao espaço do “jogo” (...) quanto há o rompimento com a vida futebolística, mesmo jogando em equipe de pouca expressão, o candidato-jogador se vê obrigado a voltar à vida real e “não está” capacitado para começar uma trajetória profissional fora do mundo do futebol, tendo que capacitar-se para retornar à vida econômica.

A maioria dos atletas profissionais, quando chegam nessa fase da carreira (entre 30 e 35 anos) já são responsáveis por suas famílias. E o término da carreira, sem planejamento e sem perspectivas, se torna ainda mais difícil de superar.

---

<sup>26</sup> PIMENTA, Carlos Alberto M. O processo de formação do jogador de futebol no Brasil: sonhos, ilusões, frustrações e violências [Tese] São Paulo (SP): Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2001.

É necessário reconhecer que a formação do atleta profissional durante a carreira é fundamental para minimizar os impactos do pós-carreira. Tais processos devem ser diferenciados, voltados às áreas não somente futebolísticas, pois, uma visão diferenciada amplia o conhecimento do atleta e enriquece sua visão do mundo, de forma a facilitar a aceitação e adaptação pós-carreira, reconhecendo-a como uma fase de transição. Os atletas profissionais que se aproximam do término de suas carreiras ou, por algum motivo, necessitam interrompê-las, seja por fatores de contusão, desemprego ou falta de oportunidade, se vêem diante de uma nova jornada. Neste momento necessitam optar por uma nova profissão e mudar a direção da carreira profissional, seja para o esporte ou outro segmento.

Quando o término das carreiras se aproxima, a situação se torna difícil em diversos aspectos, dentre eles: psicoemocionais, financeiros, sociais, etc. Além de esquecidos, fato este que ocorre com todos os ex-atletas, não somente do futebol.

Contudo, o atleta deve estar consciente de que durante o exercício de sua carreira futebolística ele está construindo sua história e esta fase deve ser reconhecida como transitória, pois, se trata de uma nova etapa em sua vida.

## **CAPÍTULO III**

### **O TERCEIRO SETOR – UM BREVE HISTÓRICO**

Em muitos países, assim como no Brasil, o Terceiro Setor vem crescendo e se transformando de forma considerável. Este se articula com o Primeiro Setor – setor público/estatal, representado pelo Estado e, também, com o Segundo Setor – setor privado com finalidades lucrativas, representado pelo mercado/empresariado.

A definição do chamado Terceiro Setor ainda é uma discussão que levará alguns anos para chegar a um consenso. Entende-se por terceiro setor, as organizações sociais privadas, sem fins lucrativos, porém, com interesse público. São elas as associações e fundações, juridicamente reconhecidas desta forma.

É importante observar que a filantropia foi impulsionada pelo cunho religioso (por conta dos católicos), que iniciaram atendimentos com a Irmandade da Misericórdia, na cidade de São Vicente em 1543, até então reconhecida como capitania; O Mosteiro de São Bento surgiu em 1598 e a Santa Casa de Misericórdia em 1876, dentre outros.

O setor social surgiu como uma forma de solidariedade e assistencialismo e, nos últimos 30 anos, vem agindo na defesa dos direitos humanos e do meio ambiente.

O Terceiro Setor se configurou, no decorrer dos últimos vinte anos, dentro de um contexto social, econômico e político marcado pela complexidade, incerteza, instabilidade e mudanças aceleradas, em uma dimensão globalizada e de grande desenvolvimento tecnológico e científico. Em contrapartida, de muita pobreza e desigualdade social (COSTA, 2005).

Com o fim da ditadura militar houve a necessidade de maiores garantias individuais e sociais que defendessem valores democráticos e direitos fundamentais dos cidadãos.

A Constituição Brasileira de 1988 definiu um maior reconhecimento aos direitos sociais dos cidadãos, defendendo a igualdade formal e material. Isto trouxe uma descentralização político-administrativa, garantindo uma seguridade social, por meio de alguns investimentos para o social.

Para uma melhor compreensão das intenções do Estado brasileiro em reconhecimento aos direitos humanos, é válido citar o preâmbulo desta Constituição:

“Nós, representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembléia Nacional Constituinte para instituir um Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos **direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores** supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias, promulgamos, sob a proteção de Deus, a seguinte CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL.”

Algumas Leis Orgânicas relacionadas à assistência social, saúde e educação, também instituíram novas formas de reconhecimento deste setor, dentre elas: a Lei Orgânica de Assistência Social, n.8.742/93 e Lei Orgânica de Saúde n.8.080/90.

A princípio, bastava que o Estado não tolhesse a liberdade de expressão dos cidadãos, mas após alguns anos outras ações se tornaram necessárias. Somente depois de muito tempo se passou a entender que o Estado também deveria desenvolver Políticas Públicas que assegurassem condições de participação de modo pleno na sociedade e que oferecesse, ao menos, uma vaga na sociedade para que as pessoas estivessem, minimamente, em situação de **igualdade**.

A sociedade civil se mobiliza como forma de realizar algumas funções que o Estado, enquanto órgão responsável pelo bem estar social, não consegue cumprir, ou até mesmo, dê lugar para que a sociedade se organize e, por meio de incentivos do governo, venha a realizar as ações necessárias, o que acaba sendo uma ação indiretamente conjunta.

Márcia Moussallem (2008, p.36) esclarece:

[...] A expressão “sociedade civil” foi resgatada com uma força extraordinária nas últimas décadas do século XX. Agora, no século XXI, é apresentada e analisada como um lugar de um universo de organizações da sociedade civil ou, como alguns autores denominam, de terceiro setor.

No ano de 1999, durante o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, foi sancionada a Lei 9.790/99, conhecida também como a Lei do Terceiro Setor, que dispõe sobre a qualificação de pessoas jurídicas de direito privado sem fins lucrativos, disciplina o Termo de Parceria e também descreve os objetivos sociais destas organizações. Esta lei foi considerada o marco legal para o terceiro setor.

O papel do terceiro setor não pode ser comparado ao papel do Estado, ou mesmo ser considerado como um cumprimento às ações que o Estado deixa de realizar. O Terceiro Setor deve ser reconhecido como um setor que está mais próximo da sociedade, que vê suas reais necessidades e que, por esse motivo, é capaz de atuar de forma mais ativa e realizar ações em grandes e pequenas comunidades, onde o Estado, por vezes, não consegue chegar.

É com este propósito que, muitas vezes, o Estado procura realizar tais ações por meio de incentivos fiscais, convênios, parcerias, financiamento de projetos e políticas públicas.

O Terceiro setor vem como um “complemento”, como um trabalho articulado, que age em conjunto com os primeiro e segundo setores, sendo estes três interligados e indissociáveis. São como um organismo vivo no qual existe e interdependência para sua existência e constante transformação.

O conceito de Terceiro Setor é definido por alguns autores, dentre eles Rubens C. Fernandes (1994, p.21) diz:

[...] Um conjunto de organizações e iniciativas privadas que visam à produção de bens e serviços públicos. Este é o sentido positivo da expressão. “Bens e

serviços públicos”, nesse caso implicam uma dupla qualificação: não geram lucros e respondem a necessidades coletivas.

Para Eudosia Quinteiro (2006, p.73):

[...] Pode-se dizer que, no Brasil, a expressão “terceiro setor” é recente. Apenas na última década o termo ganhou forma, sendo utilizado para caracterizar uma atuação não estatal, mas cuja ação visa ao interesse público, ou seja, engloba associações com fins públicos, porém de caráter privado.

É um setor que vem se profissionalizando dia-a-dia, trazendo para sua gestão formas adaptadas de administração que são aplicadas nas organizações do segundo setor – o mercado.

Vale ressaltar que diante desta relação de troca os primeiros setores também aprendem novas formas de gestão com o terceiro setor. O crescimento e o desenvolvimento do terceiro setor ocorrem quando o objetivo é o mesmo, voltado para o bem-estar em comum.

Este trabalho de pesquisa visa trabalhar com a categoria de atletas profissionais de futebol, uma vez que os sindicatos são entidades de direito privado que procuram reconhecer o cidadão enquanto ser humano e defendem que esta categoria profissional deve desfrutar de qualidade de vida, como recompensa por vender sua força de trabalho de forma tão bem vendida. Consciência esta, que se dá pelo fato dos sindicatos serem organizações não governamentais inseridas no terceiro setor.



### **3.1 OS SINDICATOS DOS ATLETAS PROFISSIONAIS ENQUANTO ÓRGÃOS DO TERCEIRO SETOR**

O movimento sindical no Brasil se iniciou em meados do Século XX e se fortaleceu na década de 1930, quando da criação do Ministério do Trabalho, acompanhando o desenvolvimento e as mudanças da sociedade.

Essa renovação permanece até os dias de hoje no sindicalismo brasileiro, em virtude da globalização e da relação de emprego (empregabilidade). Esta última, atualmente é reconhecida como um dos direitos fundamentais para a inserção social dos cidadãos.

Os Sindicatos são associações formadas pela sociedade civil e são, por sua vez, entidades de classe que têm por finalidade representar e defender os interesses da categoria à qual representam.

Em cumprimento ao papel de “entidades de classe” e organizações sociais sem fins lucrativos, os sindicatos podem ser considerados Organizações do Terceiro Setor, pois, são movimentos formados pela sociedade civil na busca de soluções para dificuldades e fatos emergentes.

No intuito de propor melhores condições de trabalho aos cidadãos brasileiros e, principalmente, validar e fortalecer a categoria dos atletas profissionais de futebol, os sindicatos dos atletas profissionais foram surgindo e realizando suas conquistas.

O Sindicato de Atletas Profissionais do Estado de São Paulo, foi o primeiro sindicato a ser fundado no Brasil. É uma associação que teve sua fundação datada de

23 de julho de 1947 e dois anos depois, no ano de 1949, foi reconhecido oficialmente como entidade sindical, por meio da carta sindical <sup>27</sup>.

Hélio Geraldo Caxambu, goleiro - atleta profissional de futebol, foi a grande revelação do futebol paulista no ano de 1937 e se tornou o primeiro presidente do Sindicato de Atletas Profissionais do Estado de São Paulo.

Desde o início de sua carreira, nos juvenis da Portuguesa, Caxambu não conseguia entender porque no futebol brasileiro poucos ganhavam muito e muitos ganhavam pouco. Receber baixos salários era irrelevante se comparado à falta de estrutura que os clubes colocavam à disposição de seus atletas. Caxambu sabia também que, mesmo com dificuldades, poderia se considerar um privilegiado, por jogar em grandes equipes da capital paulista. A real dificuldade era situação dos pequenos clubes difundidos pelo interior do Brasil (RIBEIRO; GÓES; MOTTA, 2007).

Caxambu, um dos atletas interessados em mudar a ordem do futebol paulista, participou das reuniões para a fundação da associação dos jogadores. Por consequência, foi escolhido para ser o primeiro presidente da recém criada Associação dos Jogadores de Futebol. Caxambu se viu diante da necessidade de defender os interesses dos atletas, diante de uma nova realidade profissional que surgia naquele período.

Novamente, essa questão demonstra que sempre houve necessidade de mobilização da sociedade civil em cumprimento ao papel do Estado frente às necessidades que emergem da sociedade, uma vez que a sociedade se articula e impulsiona o trabalho do terceiro setor.

Além da defesa dos interesses dos atletas profissionais, nas questões dos seus direitos enquanto cidadãos trabalhadores, outras das intenções destas entidades é a realização de trabalhos sociais voltados às demais necessidades dos atletas.

---

<sup>27</sup> Carta emitida pelo Ministério do Trabalho e Emprego, na qual reconhece os Sindicatos como órgãos oficiais.

Não que estas intenções sejam definidas em lei brasileira, simplesmente são atitudes, intenções espontâneas e conscientes destas entidades.

Para Drucker (2002, p.33) “as instituições sem fins lucrativos existem por causa da sua missão. Elas existem para fazer uma diferença na sociedade e na vida dos indivíduos. Elas existem por causa da sua missão e isto nunca deve ser esquecido”.

Vale ressaltar que essas questões são obrigações em primeiro grau do Estado e de todo o sistema, entretanto, este trabalho de pesquisa objetiva elencar sugestões e possíveis soluções para um trabalho preventivo e contínuo como um todo.

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) é um dos 18 organismos especializados que compõem a Organização das Nações Unidas (ONU), atuando na área relacionada ao trabalho.

Portanto, é importante destacar que o papel das Entidades Sindicais na atualidade se faz mais presente nas questões que envolvem a sociedade civil como um todo, procurando garantir direitos fundamentais e não somente no que diz respeito às questões de direitos trabalhistas.

Para Ladislau Dowbor (2005 p.95):

[...] é de se considerar, nos sindicatos, o conjunto do mundo do trabalho, reduzindo a prioridade às vezes absoluta à luta dos que estão empregados. (...), é essencial para que possam surgir propostas integradas de melhoria das condições. Este ponto é particularmente importante, pois hoje, com a fragmentação do trabalho, organizar-se por setor ou por tipo de empresa já não é suficiente. O mundo sindical deve trazer propostas mais amplas.

Para tanto, é de suma importância a colaboração do Estado, enquanto órgão de poder majoritário no país, pois, algumas necessidades básicas devem ser proporcionadas por esta estrutura. Assim como as demais necessidades podem ser fortalecidas em complementação ao sistema.

### **3.1.1 Ações Sindicais em Rede**

Esta breve explanação visa ilustrar que, assim como as organizações do terceiro setor, os sindicatos (entidades sindicais) também se articulam e buscam realizar trabalhos em rede, como forma de fortalecer seu trabalho e ampliar suas conquistas.

A atuação dos sindicatos no Brasil vem confirmando a necessidade, importância e amplitude de seu trabalho no futebol brasileiro. No ano de 2001 foi fundada a Federação Nacional dos Atletas Profissionais de Futebol – FENAPAF, que atua como o Sindicato Nacional da categoria.

A FENAPAF tem como missão promover e apoiar a criação de novos sindicatos de atletas profissionais no Brasil, atuar em rede com os demais sindicatos, bem como promover ações de conscientização aos atletas sobre seus direitos e deveres. Estas ações se iniciam desde movimentos sindicais relacionados aos direitos trabalhistas dos atletas profissionais, como também em consentir na realização de projetos sociais em diversas áreas.

O Brasil é um país que possui 26 (vinte e seis) estados-membros e 1 (um) Distrito Federal. Atualmente existem 15 Sindicatos de Atletas Profissionais filiados à Federação Nacional - FENAPAF, sendo:

- Sindicato de Atletas Profissionais do Estado de São Paulo – SAPESP - (Fundado em 1947)
- Sindicato dos Atletas Profissionais do Estado do Rio Grande do Sul – SIAPERGS – (Fundado em 1978)
- Sindicato dos Atletas de Futebol do Estádio do Rio de Janeiro – SAFERJ – (Fundado em 1980)
- Sindicato dos Atletas de Futebol do Estado de Minas Gerais – SAFEMG (Fundado em 1997)

- Sindicato dos Atletas Profissionais de Futebol do Estado do Piauí – SINAPFEPI (Fundado em 2001)
- Sindicato dos Atletas Profissionais de Futebol do Estado de Santa Catarina – SAPFESC (Fundado em 2002)
- Sindicato dos Atletas Profissionais do Estado do Paraná – SAPEPAR (Fundado em 2002)
- Sindicato dos Atletas de Futebol do Estado do Mato Grosso do Sul – SAFEMS (Fundado em 2002)
- Sindicato dos Atletas de Futebol do Estado da Paraíba – SAFEPA (Fundado em 2002)
- Sindicato dos Jogadores de Futebol Profissional do Estado do Pará – SINJOP (Fundado em 2003)
- Sindicato dos Atletas Profissionais do Estado de Goiás – SINAPEGO – (Fundado em 2004)
- Sindicato dos Atletas Profissionais do Estado do Ceará – SAFECE – (Fundado em 2005)
- Sindicato dos Atletas de Futebol do Estado do Rio Grande do Norte – SAFERN
- Sindicato dos Atletas Profissionais de Futebol do Estado de Alagoas – SAPFE/AL – (Fundado em 2006)
- Sindicato dos Atletas Profissionais de Futebol e demais Modalidades Esportivas do Estado de Pernambuco – SAP/PE

Os sindicatos dos estados da Bahia e Espírito Santo ainda estão em fase de formação e burocrática. O Sindicato dos Atletas Profissionais de futebol do Distrito Federal (SAF/DF) não é uma entidade filiada à FENAFAP, portanto, atua de forma independente.

Diante disso, é possível observar a grande possibilidade de atuação em rede que estas entidades possuem para realizar trabalhos, cada vez mais positivos e atuantes, bem como estabelecer parcerias com o Estado (primeiro setor) e com organizações do segmento privado – Mercado (segundo setor).

Algumas organizações do terceiro setor trabalham em redes sociais de cooperação, realizando trabalhos interligados com o objetivo de fortalecer resultados. Com isso é possível que as organizações associadas somem seus recursos em função de objetivos em comum.

Cada organização necessita de um tipo de desenvolvimento, algumas de uma ajuda mais complexa outras de um apoio mais básico. É por isso que a rede pode contribuir e ajudar na realização de diversos trabalhos.

A rede permite a troca de informações, fornece orientações, esclarece dúvidas, seja por email, por reuniões, de modo a minimizar dificuldades e compartilhar conquistas. Tal articulação busca facilitar o trabalho das entidades, pois, uma dificuldade passada por uma entidade, após a experiência poderá contribuir e facilitar o trabalho da entidade que o está realizando pela primeira vez. Juntos buscam solucionar problemas, com o objetivo de melhorar a qualidade do atendimento prestado às necessidades dos associados e das próprias organizações, neste caso dos sindicatos.

A globalização movimentada todos os segmentos da sociedade moderna, sejam eles: econômicos, políticos, sociais, tecnológicos, etc. É possível observar que a valorização do trabalho em rede se torna, cada vez mais, imprescindível uma vez que os fenômenos sociais são complexos e estes ocorrem de forma interligada, conectada e interdependente.

Por meio da rede é possível potencializar os esforços no enfrentamento dos problemas sociais. É um espaço de troca de experiências e conhecimentos colaborando para o crescimento das organizações.

No que se refere ao tema deste trabalho, o objetivo deste capítulo é destacar o potencial em rede existente para a realização de atividades e programas voltados ao público alvo (destinatários) desta pesquisa, por meio de ações e programas para os atletas (futuros ex-atletas) profissionais de futebol e seu acompanhamento de carreira, como forma de preparo para o pós-carreira.

### **3.2 NECESSIDADE DE RESPONSABILIDADE SOCIAL DOS CLUBES**

A responsabilidade social está relacionada a uma obrigação legal, a confiança, a prática social de cuidar, a atitudes eticamente responsáveis e ao ser consciente. Também está associada à sustentabilidade, desde a responsabilidade com o meio-ambiente até a manutenção de uma organização. Não é possível separar a sustentabilidade da responsabilidade, pois estas estão totalmente associadas.

Um dos princípios da responsabilidade social é apoiar o desenvolvimento da comunidade, preservar o meio ambiente, preocupar-se com o bem-estar dos funcionários e dependentes em um ambiente de trabalho agradável, realizar comunicações transparentes, manter os acionistas informados, manter a sinergia entre as parcerias, prezando pela satisfação de clientes e fornecedores.

É neste ponto que a atuação e a importância do terceiro setor se fazem presente, pois, as organizações são os agentes realizadores para tal função. Na efetivação deste trabalho, por meio das ações sociais, mobilização de recursos, articulação com os primeiro e segundo setores, realizando trabalhos de transformação das realidades sociais de maneira eficaz.

Responsabilidade social é a capacidade da empresa em efetivar ações conscientes e está ligada a uma mobilização do Estado e da sociedade. A responsabilidade social se torna uma “moeda de troca” para que se tenha um financiamento da empresa e, eventualmente, oferecer algo mais que não está disponível no segmento privado ou público.

Entretanto, a responsabilidade social é uma questão que vêm se desenvolvendo há pouco tempo e ainda está longe de ser aplicada de forma regular.

É possível tratar deste tema como responsabilidade social corporativa. Tal responsabilidade está associada às ações das empresas, neste caso específico das Associações de Futebol Profissional (Clubes). Estas ações envolvem ética, transparência, sustentabilidade, e benefícios para com a sociedade.

A sociedade moderna demanda um comportamento diferenciado por parte das empresas privadas na qual, indiretamente, é exigida uma responsabilidade social. Essa responsabilidade visa transformar princípios e valores do mundo capitalista, de forma que a empresa tenha um papel diferenciado na sociedade atual.

Muitas empresas aderem à responsabilidade social por conta dos benefícios fiscais, das estratégias de negócios (marketing relacionado a causa) ou pelo compromisso social (por meio dos valores de seus líderes), pois, têm consciência da demanda um comportamento diferenciado.

O Investimento social não é mais uma doação. Atualmente, as empresas buscam “resultados” nas próprias organizações (ONGs) e os negociam.

Deste modo, se faz necessária uma responsabilidade social por parte dos clubes, que inicia em sua obrigação social, na qual constitui suas finalidades estatutárias, como forma de exercer uma visão a longo prazo com perspectivas de futuro voltadas aos atletas e ao futebol. Mais uma vez, vale ressaltar que não é interesse deste trabalho de pesquisa discutir questões futebolísticas, mas apenas



questões que dizem respeito a atitudes assertivas, que podem e devem ser exigidas pela sociedade.

Na opinião de João Abrahão Ellis Neto, presidente do Campo Grande Atlético Clube, em entrevista concedida ao Jornal O Lance, diz:

“Falta muita coisa, não somente ao Campo Grande, mas a vários clubes, principalmente aos fundadores da Federação. As pessoas que dirigem precisam ter mais conhecimento sobre futebol (...). A maioria dos atletas, fora os que a gente sabe o nome, ganha salário mínimo. Os clubes da Segunda e Terceira Divisões pagam salários mínimos. Quem falar que não, tenta mostrar uma realidade que não existe”<sup>28</sup>.

A prática da governança pode ser bem aplicada pelas associações de futebol profissional, uma vez que prática possibilita uma gestão profissional e organizada, feita de forma transparente e traz benefícios para a associação. Desde um reconhecimento positivo por parte dos associados, torcedores, patrocinadores, sociedade, ou seja seus stakeholders<sup>29</sup>, de forma a promover um melhor relacionamento profissional, financeiro e social.

Assim como o futebol caminhou para a profissionalização, a gestão dos clubes também caminha.

Para Marques e Costa (2009, p.120):

[...] Os investidores de um clube são atraídos por seu potencial gerador de receita. O principal fator determinante é o tamanho de sua torcida. Entretanto, esses torcedores devem tornar-se clientes (consumidores) para que esse potencial se concretize.

---

<sup>28</sup> MONTEIRO, Carlos. Desempregados da Bola – FUTEBOL PROFISSIONAL ? – Abandono e críticas. **O Lance**, São Paulo, p. 18, 25 junho 2009.

<sup>29</sup> O termo “stakeholders” foi criado para designar todas as pessoas ou empresas que, de alguma maneira, são influenciadas pelas ações de uma organização; Grupos de interesse.

As práticas de governança são internas e externas. Tem início com uma gestão transparente entre seus diretores, conselheiros e sócio-acionistas e alcança o relacionamento com os clientes/investidores que, no caso dos clubes, são os patrocinadores.

Para tanto, se faz necessária uma gestão estratégica e um monitoramento, de forma a lidar com conflitos de interesse que possam surgir.

Teoricamente a aplicação das práticas de governança levaria os clubes a uma reestruturação e um profissionalismo em sua gestão. Para tal aplicação é necessária a adoção de controles e práticas de trabalho transparentes e uma conseqüente sustentabilidade.

Não se pretende entrar em um estudo aprofundado, mas sim atingir um grau reflexivo que permita construir um modelo para a formulação de estratégias concretas, a partir de pressupostos de teorias do conhecimento. No entanto, conforme mencionado anteriormente, tais estratégias devem ser executadas com seriedade, transparência e real objetivo de cumprir seu papel perante a sociedade. Desta forma as associações de futebol teriam a possibilidade de caminhar rumo a um trabalho mais efetivo e profissional, beneficiando a todos os envolvidos, são eles: atletas, torcedores, investidores, associados, etc.

Em seu sentido mais amplo, a governança deixa de ser um sistema de controle de administração e dos executivos por parte dos acionistas e torna-se a administração das relações entre todos os seus stakeholders. Portanto, quanto maior for esse equilíbrio, maior tenderá a ser o valor da organização (MARQUES; COSTA, 2009).

Seguindo o pensamento de Carlezzo (2003) citado por Marques e Costa (2009, p.122):

[...] Muito mais do que uma lista de práticas a serem seguidas, as práticas de boa governança podem fornecer instrumentos que otimizem as relações do

clube com a sociedade, de maneira a maximizar o recebimento dos recursos necessários a seu desenvolvimento.

Um diferencial importante pode ser a aplicação das práticas de governança. É válido ressaltar que tais práticas de governança podem ser aplicadas em qualquer clube, independentemente, de sua estrutura, seja um clube considerado – grande, médio ou pequeno. A adoção de mecanismos de governança pode gerar um equilíbrio administrativo-financeiro e, conseqüentemente, esportivo. Bem como uma melhor visibilidade perante seus investidores e públicos em geral. Tais práticas podem ser adaptadas na gestão de clubes de futebol, uma vez que a estrutura administrativa destas organizações é bem complexa.

A prática da governança pode não ser resposta para todos os problemas que surgem na administração dos clubes, mas contribui em grande parte, restabelecendo a credibilidade destas entidades.

Este trabalho tem por objetivo sugerir práticas que possam auxiliar os atletas de futebol em suas carreiras, de forma a prepará-los para um pós-carreira menos impactante e mais planejada.

Na opinião do presidente do Sindicato do Pará, Oderban, o que pode ser feito como forma de preparo para a fase de transição de carreira é o apoio da “família, psicólogo, ex-atletas e dos sindicatos”.

Marcos Gaúcho, presidente do Sindicato dos Atletas do Ceará, diz que o Sindicato:

“Tem preocupação em agir diretamente com os atletas, através de ações esportivas, envolvendo atletas em atividade e também ex-atletas, criando convivência e alternativas para que possam sentir-se socializados, através de jogos e encontros onde são valorizados perante a sociedade”.

No que se refere aos atletas, alguns clubes realizam trabalhos sociais, porém, a maioria é feito somente nas categorias de base. Uma vez que estes se tornam

profissionais já não recebem o mesmo acompanhamento. “Os times do Brasil ainda não enxergam que os projetos não podem parar nas categorias de base”<sup>30</sup>.

Mesmo com a adoção da responsabilidade social, o trabalho de conscientização destinado ao atleta é ainda mais abrangente<sup>31</sup>:

[...] O Serviço Social desenvolveu sua ação profissional no sentido de incentivar o atleta a aprender a pensar criticamente, a enfrentar situações novas e a confiar mais em si e nos outros, a descobrir e desenvolver suas potencialidades, pois assim ele estará mais preparado par enfrentar as mudanças.

Entretanto, no futebol muitos ainda se preocupam somente com o talento, com as jogadas, com a vitória em campo e financeira. Uma parte do aprendizado do atleta vem de seus treinadores, porém, estes são cobrados a apresentar resultados por meio da boa performance da equipe.

Dentro do conceito de responsabilidade social, as empresas patrocinadoras dos clubes e campeonatos necessitam exigir dos clubes uma melhor atuação para com os atletas. Estas empresas devem ampliar sua visão e reconhecer sua “imagem” não somente como empresa patrocinadora. É necessário exercer uma influência positiva enquanto organização perante a sociedade e apoiar um trabalho mais consciente e efetivo por parte dos clubes.

Uma vez que existem interesses, estes devem estar de acordo com as expectativas dos Stakeholders. As empresas do mercado empresarial (segundo setor) criam ações e apoiam causas, mesmo que seja estratégia de marketing, é possível reconhecer que tem gerado resultados, pois, seus investimentos continuam.

---

<sup>30</sup> COSTA, Guilherme. O modelo de fundações na Europa. **Universidade do Futebol**. Agosto 2007. Disponível em: <<http://www.universidadedofutebol.com.br>>. Acesso em: 12 nov. 2009.

<sup>31</sup> PERTILE; Antonina; FERNANDES, Rosa Maria Castilhos. O futebol como expressão de cidadania e inclusão social. **Universidade do Futebol**. Agosto 2007. Disponível em: <<http://www.universidadedofutebol.com.br>>. Acesso em: 02 mar. 2009.

A “exigência” da sociedade para com as ações sociais das organizações tem crescido nos últimos tempos, principalmente nas questões ambientais. Portanto, é possível aplicar estas questões aliadas às empresas patrocinadoras, aos clubes e aos torcedores que são os consumidores finais.

Os clubes de futebol da Europa possuem uma preocupação com o social, diferentemente do futebol brasileiro, que iniciou a atenção para esta realidade há mais ou menos duas décadas, apesar de ainda ser pouco difundida entre os clubes do país.

A Fundação Barcelona na Espanha, atua socialmente por meio do Futbol Club Barcelona. Foi realizado um acordo gratuito com o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), onde as camisas do time receberam a estampa do Fundo:

[...] Este acordo fez o Barcelona abrir mão de uma receita anual que poderia chegar aos 20 milhões de euros. Além disso, o clube investe 1,5% de sua receita (1,5 milhão de euro) na Fundação Barcelona, que é ligada ao UNICEF. Desde 2004, porém, o sucesso em campo e os projetos sociais representaram um salto nas receitas do Barcelona. O clube teve uma evolução de 106% e passou a angariar 259 milhões de euros – recebia 123 milhões antes <sup>32</sup>.

A imagem do clube (time) é muito mais do que uma simples marca. É uma identificação para toda a vida, pois são torcedores – consumidores fiéis, que irão influenciar no consumo dos seus filhos.

Assim como organizações privadas criam suas fundações, os clubes de maior visão, pertencentes aos países desenvolvidos agem da mesma forma. É evidente que existem alguns benefícios fiscais, entretanto, os objetivos do investimento são o retorno de marca, o benefício social oferecido à comunidade e a melhoria da qualidade de vida dos atletas.

---

<sup>32</sup> COSTA. Guilherme. O modelo de fundações na Europa. **Universidade do Futebol**. Agosto 2007. Disponível em: <<http://www.universidadedofutebol.com.br>>. Acesso em 02 mar. 2009.

Diversas campanhas de conscientização se utilizam do esporte para a divulgação. Com isso é perceptível a influência que o esporte possui, contribuindo na construção de ações positivas, pois, está ligado ao desenvolvimento.

É de grande importância que as associações de futebol profissional no Brasil iniciem suas ações voltadas ao desenvolvimento e bem-estar da sociedade e dos trabalhadores-atletas. “O que ocorre agora é a percepção de que a ineficiência do Estado em direcionar medidas desenvolvimentistas com sucesso. Isso ocorre devido à ênfase excessiva nos aspectos econômicos e não no âmbito social do desenvolvimento”<sup>33</sup>.

No Brasil o Clube dos 13<sup>34</sup> criou a Comissão Especial de Responsabilidade Social. Criada com o objetivo de “incentivar ações filantrópicas e de responsabilidade social por parte dos clubes e fazer com que eles se tornem um canal de comunicação dessas iniciativas com o restante da sociedade”<sup>35</sup>. Alguns dos clubes participantes já realizam ações desse tipo, porém, de forma independente.

---

<sup>33</sup> ZALAMENA, Marco Antonio Zamboni. O papel social do futebol na articulação da sociedade civil global: desenvolvimento. **Universidade do Futebol**. Fevereiro 2010. Disponível em: <<http://www.universidadedofutebol.com.br>>. Acesso em: 25 maio 2010.

<sup>34</sup> União dos Grandes Clubes do Futebol Brasileiro. É uma associação fundada em 1987 com o objetivo de defender os interesses dos clubes de futebol.

<sup>35</sup> Comissão de Responsabilidade Social é criada pelo Clube dos 13. **Meio & Mensagem/Sapesp**. São Paulo, set. 2009. Disponível em: <<http://www.sapesp.com.br/internas.php?noticias=4366&interna=77802>>. Acesso em: 15 jun. 2010.

## **CAPÍTULO IV**

### **PROPOSTAS DE ORIENTAÇÃO E ACOMPANHAMENTO NA TRANSIÇÃO DE CARREIRA**

#### **4.1 PRÁTICAS QUE JÁ CONTEMPLAM O ATENDIMENTO AOS ATLETAS E EX-ATLETAS**

Algumas notícias são divulgadas a respeito de trabalhos assistenciais para atletas em formação, profissionais e ex-atletas, entretanto, este trabalho de pesquisa não localizou a existência de trabalhos de acompanhamento de carreira realizados para atletas profissionais.

Atualmente existem duas leis vigentes no que se refere ao desporto brasileiro e aos atletas profissionais de futebol. A Lei Nº 6.354, de 2 de setembro de 1976, que regulamenta a profissão de atleta de futebol, dispõe sobre as relações de trabalho do atleta profissional de futebol e dá outras providências, e a Lei Nº 9.615, de 24 de março de 1998, conhecida como Lei Pelé, institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências.

A legislação brasileira específica faz menção aos recursos recolhidos para a assistência dos atletas de futebol, provenientes de alguns fatos geradores que serão especificados nos parágrafos seguintes.

No ano de 1975, com base na Lei 6.269/75 que instituía um sistema de assistência complementar ao atleta profissional, foi criado o “Fundo de Assistência ao Atleta Profissional - FAAP”, de natureza basicamente educativa. Este fundo era proveniente de penalidades referidas ao atleta. Entretanto, esta lei foi revogada pela, até então, Lei 8.672/93, conhecida como Lei Zico. Um dos dispositivos da Lei Zico

unificava o Fundo de Assistência ao Atleta (FAAP) ao Fundo de Promoção ao Esporte Amador, referido na Lei nº 7.752/89 – proveniente de receitas da loteria federal esportiva.

Com esta unificação foi criado, então, o Fundo Nacional de Desenvolvimento Desportivo – FUNDESP. Todavia, no ano de 1998, esta lei também foi revogada e substituída pela Lei 9.615/98, chamada Lei Pelé – vigente no país atualmente. Esta lei extingue o FUNDESP e determina que todas as arrecadações sejam direcionadas à Federação das Associações de Atletas Profissionais, que possui a mesma sigla do antigo fundo: “FAAP”.

Conforme trata o Capítulo VIII, no artigo 57 da lei Pelé, tais receitas são provenientes de <sup>36</sup>:

#### **CAPÍTULO VIII – DOS RECURSOS PARA O DESPORTO**

**Art. 57.** Constituirão recursos para a assistência social e educacional aos atletas profissionais, ex-atletas e aos em formação, recolhidos diretamente para a Federação das Associações de Atletas Profissionais - FAAP: (Redação dada pela Lei nº 9.981, de 2000)

I - um por cento do contrato do atleta profissional pertencente ao Sistema Brasileiro do Desporto, devido e recolhido pela entidade contratante; (Redação dada pela Lei nº 9.981, de 2000)

II - um por cento do valor da cláusula penal, nos casos de transferências nacionais e internacionais, a ser pago pelo atleta; (Redação dada pela Lei nº 9.981, de 2000)

III - um por cento da arrecadação proveniente das competições organizadas pelas entidades nacionais de administração do desporto profissional; (Redação dada pela Lei nº 9.981, de 2000)

IV - penalidades disciplinares pecuniárias aplicadas aos atletas profissionais pelas entidades de prática desportiva, pelas de administração do desporto ou pelos órgãos da Justiça Desportiva. (Redação dada pela Lei nº 9.981, de 2000).

Faz-se necessário observar que o termo “FAAP” é utilizado para “Federação das Associações de Atletas Profissionais”, portanto, a sigla é a mesma, mas se trata de

---

<sup>36</sup> Lei Nº 9.615 – de 24 de Março de 1998 (Lei Pelé) – Alterada. Disponível em: <<http://www3.data.gov.br/sislex/paginas/42/1998/9615.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2010.



outra entidade, que não é proveniente do fundo e, nem mesmo, associada à Lei de 1975, já extinta.

De acordo com o ex-atleta profissional de futebol, membro fundador e atual presidente da FAAP, Wilson Piazza<sup>37</sup>, a entidade foi criada em 1995, por sugestão do Sr. Edson Arantes do Nascimento – Pelé, na época Ministro Extraordinário dos Esportes. A criação da Federação das Associações dos Atletas Profissionais (FAAP), teve como objetivo coordenar as atividades de cada Associação de Garantia ao Atleta Profissional – AGAP, representadas em alguns estados brasileiros.

As AGAPs são associações sem fins lucrativos, fundadas a partir de 1977 para cumprir os objetivos sociais do Fundo de Apoio ao Atleta Profissional. A primeira delas foi fundada no Estado de Minas Gerais, também por Wilson Piazza. Atualmente estão presentes em 13 Estados brasileiros. Tais entidades teriam como objetivo prestar assistência social aos atletas de futebol.

A FAAP recebe recursos provenientes do artigo 27 da lei, supracitada, que são destinados à assistência social e educacional dos atletas em formação, profissionais e ex-atletas que procuram pela entidade. A Federação deve fazer o repasse das verbas para as AGAPs.

Não é interesse deste trabalho de pesquisa calcular o valor proveniente de tais transações, nem mesmo avaliar a qualidade e quantidade dos serviços prestados por estas entidades. Entretanto, é válido ressaltar que são inúmeros os contratos firmados entre atletas e clubes e, conseqüentemente, o que resulta destas transações.

Uma vez que as verbas são destinadas aos atletas que procuram pela entidade, estima-se que não sejam tão grandes as despesas, se proporcionalmente comparadas à sua provável receita. Tais verbas são disponibilizadas para os serviços de assistência voltados para: educação (por meio de reembolso de bolsa de estudo), auxílio saúde

---

<sup>37</sup> Wilson da Silva Piazza, ex-atleta profissional de futebol. Participou da Seleção Brasileira no ano de 1964. Foi vereador em Belo Horizonte nos anos de 1972 a 1978. Atuou como secretário municipal de esportes e presidente da Administração dos Estádios em Minas Gerais.

(por meio de reembolso para tratamentos) e contribuição para o processo de aposentadoria, benefício este criado oficialmente em junho de 2010.

Não é intenção criticar os trabalhos realizados, porém, é necessário destacar a probabilidade e a excelente oportunidade de receita proveniente do meio futebolístico, reconhecida legalmente, para um maior preparo e investimento no desenvolvimento intelectual e crescimento humano dos atletas, uma vez que a receita é proveniente do trabalho dos mesmos.

Não se pode considerar que esse trabalho de assistência é um “favor” para o atleta, ao contrário, a receita é fruto de transações realizadas por meio de trabalho dos próprios atletas, pois sem os mesmos não existiria o espetáculo, uma vez que são eles as grandes estrelas que o realizam. Nada mais de direito do que uma assistência que complemente e invista nas demais necessidades da categoria.

Muitos atletas procuram a oportunidade de ministrar aulas em escolas de futebol ou projetos sociais esportivos, uma vez que eles possuem a experiência prática. Esta questão tem sido de bastante relevância e destaque, pois é considerada uma competição no mercado de trabalho com os profissionais de educação física.

O artigo 27 da Lei nº 6.354/76, define <sup>38</sup>:

“Todo ex-atleta profissional de futebol que tenha exercido a profissão durante 3 (três) anos consecutivos ou 5 (cinco) anos alternados, será considerado, para efeito de trabalho, monitor de futebol”.

Diante disto é compreensível que o ex-atleta profissional de futebol, tendo como referência sua experiência profissional, desde que cumpra os requisitos exigidos por essa lei, poderá atuar profissionalmente como Monitor de Futebol <sup>39</sup>.

---

<sup>38</sup> Lei nº 6.354, de 2 de setembro de 1976. **JusBrasil Legislação.** Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/128406/lei-6354-76>>. Acesso em 10 jun. 2010.

<sup>39</sup> Entende-se por Monitor a atuação na formação do atleta.

O Sindicato de Atletas Profissionais do Estado de São Paulo emite um certificado que oficializa este termo, reconhecido no artigo 27 da lei supracitada.

De acordo com o levantamento feito junto a esta entidade, sobre a procura dos atletas por um documento que certifique o reconhecimento desta lei, foi possível observar que 50% dos atletas que procuram o Sindicato, para a possível emissão do Certificado de Monitor de Futebol, possuem entre 30 e 35 anos. Estes atletas estão finalizando suas carreiras e necessitam continuar trabalhando. Dos demais atletas que procuram o sindicato cerca de 32% possuem entre 36 e 40 anos, 7% entre 41 e 45 anos, 7% entre 46 e 50 anos e 4% possui entre 27 e 29 anos de idade.

Esta demanda ocorre em todos os Estados brasileiros. Oberdan informa que “o Sindicato do Pará possui um convênio com o Estado, no qual ex-atletas trabalham como monitores nas escolinhas de futebol”.

Diante da concorrência que se apresenta entre atletas e profissionais de educação física, foi solicitada a extinção deste reconhecimento no atual Projeto de alteração da Lei Pelé, que tramita pelo Senado Federal. Tal fato só reforça a necessidade de um programa de preparo para o pós-carreira do atleta, como forma de recolocação no mercado de trabalho, seja no meio esportivo ou em outro segmento.

Esta é umas das poucas oportunidades de continuidade de carreira do atleta profissional rumo à sua nova etapa. O presidente do Sindicato dos Atletas de Futebol do Rio de Janeiro e também atual presidente da Federação Nacional dos Atletas Profissionais de Futebol, Alfredo Sampaio, em entrevista ao JusBrasil<sup>40</sup> diz:

“A questão do monitor, função que seria exercida pelos jogadores de futebol depois de encerrarem a carreira, precisa ser discutida de uma forma mais ampla, para não criar um problema social maior, porque a primeira esperança do atleta de futebol para manutenção e sobrevivência é se tornar treinador ou criar uma escolinha”.

---

<sup>40</sup> Mudança na Lei Pelé vai eliminar agentes que controlam jovens jogadores de futebol. **JusBrasil Notícias**. Abril, 2010. Disponível em: < <http://www.jusbrasil.com.br/noticias/2167541/mudanca-na-lei-pele-vai-eliminar-agentes-que-controlam-jovens-jogadores-de-futebol>>. Acesso em: 08 jun. 2010.

No que se refere, ainda, à adaptação de outras profissões, é importante mencionar mais um levantamento feito pelo Sindicato de Atletas Profissionais de São Paulo, em relação aos registros nas Carteiras de Trabalho destes atletas profissionais (desempregados, com lesões físicas ou com idade próxima do término de carreira). Nelas constam registros de empresas dos mais variados segmentos que não são os esportivos, sendo estes atletas registrados com diferentes cargos e funções. Muitos destes registros são feitos de forma intercalada entre “entradas e saídas” dos clubes de futebol. Existem diversos fatores contribuintes para este acontecimento, dentre eles o sonho idealizado na infância, conforme tratado no Capítulo I deste trabalho de pesquisa, bem como a situação econômica e cultural do país e grande oferta de trabalho por parte dos atletas, conforme mencionado no Capítulo II.

Isto é válido para ilustrar e ratificar a demanda por um programa de acompanhamento e planejamento de carreira do atleta profissional.

Em entrevista realizada para fundamentação deste trabalho de pesquisa, Alfredo Sampaio diz:

“Esse momento de parar é difícil mesmo, principalmente para grandes jogadores, pois, esses vivem um mundo muito mais atraente, de glamour e sucesso, quando isso acaba, é difícil de aceitar. Para atletas de clubes menores é mais fácil, pois, a vida deles, teoricamente, sempre foi mais difícil e incerta, o que, de certa forma, acaba ajudando quando chega o momento de parar”.

No que diz respeito à sua experiência profissional como atleta e seu pós-carreira, Alfredo destaca:

“Eu tive sorte, pois, ao parar, imediatamente me tornei treinador do juvenil do São Cristovão e Presidente do Sindicato, além de criar três escolinhas de futebol. Tudo isso, junto com as tarefas de minha empresa e a faculdade, que foi feita a “conta gotas”, ocuparam meu tempo e, naturalmente, me ajudou muito”.

Ainda no que tange às questões e propostas governamentais, é necessário fazer menção a um projeto que ainda não apresenta grande fundamento. É o projeto de lei, proposto pelo atual Exmo. Sr. Presidente Luis Inácio Lula da Silva, que será encaminhado ao Congresso Federal para votação. O projeto prevê um auxílio financeiro aos ex-atletas campeões das Copas de 1958, 1962 e 1970. Este auxílio poderá ser equivalente ao teto máximo mensal da previdência social (R\$ 3.416,54 – três mil, quatrocentos e dezesseis reais e cinqüenta e quatro centavos) e pretende ser realizado em caráter de complementação ao valor que o ex-atleta já recebe de aposentadoria, onde a soma não ultrapassará o teto da previdência. A proposta também prevê o pagamento de uma premiação de R\$ 100.000,00 (cem mil reais). O argumento é que se trata de uma indenização, pois, a profissão não era regulamentada nesta época e estes ex-atletas não tiveram seu tempo de trabalho contado para aposentadoria como os demais trabalhadores. O auxílio também será pago à esposa ou companheira dos ex-atletas falecidos, filhos menores de 21 anos de idade ou com invalidez. A justificativa é de que os campeões de 1994 e 2002 contavam com um reconhecimento profissional e com a transformação do futebol, também já eram bem remunerados, por esse motivo, não estão incluídos no projeto <sup>41</sup>.

Esta situação só reforça a evidente necessidade de um planejamento de carreira para o atleta profissional, de forma a evitar desigualdades.

O tempo de serviço para a aposentadoria do atleta profissional de futebol é o mesmo de um trabalhador comum 35 anos de contribuição e 53 anos de idade <sup>42</sup>. Não é necessário que seja um período inferior, ou mesmo que exista algum diferencial. Neste caso é possível sugerir apenas um apoio institucional ou financeiro durante um período máximo pré-determinado, necessário para a recolocação no mercado trabalho durante

---

<sup>41</sup> Lula assina projeto de auxílio financeiro a campeões das Copas de 58, 62 e 70. **Uol Notícias**. Disponível em: <<http://copadomundo.uol.com.br/2010/ultimas-noticias/2010/05/13/lula-assina-projeto-de-auxilio-financeiro-a-campeoes-das-copas-de-58-62-e-70.jhtm>>. Acesso em: 14 jun. 2010.

<sup>42</sup> Aposentadoria por tempo de contribuição. Disponível em: <<http://www.previdenciasocial.gov.br/conteudoDinamico.php?id=19>>. Acesso em: 28 jun. 2010.

a fase de transição de carreira. Este apoio poderia ser uma espécie de “Seguro Desemprego” especial.

No intuito de complementação deste trabalho de pesquisa, é válido mencionar alguns projetos sociais idealizados pelos Sindicatos dos Atletas Profissionais do país voltados aos atletas e ex-atletas. Dentre eles, alguns podem e merecem ser ilustrados aqui:

A Casa do Atleta é um projeto do Sindicato dos Atletas de Futebol do Estado do Rio de Janeiro (SAFERJ), a sede oferece suporte aos atletas em atividade e aos ex-atletas. Foi idealizada para recolocação de carreira do atleta/ex-atleta e conta com uma sala de aula – que será utilizada para cursos de línguas e alguns cursos técnicos, sala de informática e um auditório – que irá sediar cursos de diversas áreas relacionados ao desporto, dentre eles: curso de treinador de futebol, treinamentos desportivos, etc.<sup>43</sup>.

Em entrevista realizada para este trabalho de pesquisa, Alfredo explica sobre o projeto:

“Com a inauguração da Casa do Atleta ano passado (2009), passamos a gerar uma gama de benefícios aos atletas e aos ex-atletas, já que é um complexo com uma estrutura voltada ao atendimento do atleta profissional de futebol na concepção da palavra. (...) Além do departamento jurídico que já existia, hoje, o atleta encontra a sua disposição um amplo centro de fisioterapia, uma academia com que há de melhor em termos de aparelhagem para treinamento, piscina, um andar com salas de aula, biblioteca e auditório e uma equipe de profissionais do mais alto gabarito em cada departamento. Todos os serviços são gratuitos, sem nenhum custo para o atleta”.

Além desses serviços, Alfredo Sampaio diz que o sindicato vem atuando junto aos ex-atletas também, por meio de recolocação no mercado de trabalho. “Hoje na Casa do Atleta já trabalham oito ex-profissionais de futebol, o que nos deixa extremamente felizes”.

---

<sup>43</sup> A Casa do Atleta. **SAFERJ**. Disponível em: <<http://www.saferj.com.br>>. Acesso em 13 jun. 2010.

O Sindicato dos Atletas de São Paulo idealizou o CERATLETA (Centro de Referência ao Atleta Profissional), um projeto que visa atender as necessidades biopsicossociais do atleta de futebol. Como parte extensiva do CERATLETA foi criado o Projeto Expressão Paulista, que permite aos atletas profissionais desempregados manter seu preparo físico e técnico, até que seja contratado novamente por algum clube. O objetivo deste projeto é integrar e recolocar atletas profissionais de futebol desempregados no mercado de trabalho.

Cabe aqui reforçar a importância da adaptação às mudanças de necessidades e ir além do assistencialismo para com os atletas profissionais. A questão está muito mais em oferecer condições no decorrer da carreira futebolística, com uma formação em paralelo, por meio de acompanhamentos e orientações nos mais variados aspectos e segmentos.

#### **4.2 PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO COMO FORMAS DE CONTRIBUIÇÃO**

Um dos objetivos deste trabalho é viabilizar um programa de planejamento de carreira, que acompanhe e prepare o atleta profissional para a fase de transição (pós-carreira), orientando-o a uma nova etapa, meio pelo qual será tratado neste capítulo.

Diante dos assuntos abordados nos capítulos anteriores é possível observar a necessidade de uma intervenção social. Esta ação requer a participação de diversos atores, são eles:

A ação do Estado, oferecendo melhores condições de educação, serviço social e adoção de políticas públicas que promovam melhores condições ao desporto profissional.

A ação das empresas privadas por meio de investimento social, acompanhamento dos resultados de inserção social e responsabilidade social corporativa.

A ação dos clubes, pois estes podem agir com responsabilidade social, desenvolvendo “políticas de incentivo” aos atletas e associados, proporcionar um ambiente de maior convivência social, realizar trabalhos de conscientização, planejamento de carreira em conjunto com o trabalho técnico e complementar ações de outros órgãos nas questões ética e profissional. Este trabalho sugere uma proposta de intervenção concreta como forma de transferir atribuições à essas agremiações, ou seja, atribuir aos clubes a tarefa de desenvolver um programa efetivo que contemple a capacitação dos atletas, incluindo temas como planejamento de carreira e outras atividades de profissionalização enquanto o atleta ainda estiver em atividade. Tais entidades têm a possibilidade de criar um ambiente de convivência grupal aberto a discussões sobre relações políticas, sociais, culturais, individuais e coletivas que envolvem a existência humana, considerando ainda a possibilidade de prosperidade material e emocional, esta última se fará por meio do fomento a discussão dos direitos de um cidadão enquanto agente responsável pela sua própria transformação social.

A ação das demais organizações formadas pela sociedade civil, dentre elas: associações, fundações, ligas e sindicatos. A proposta é que essas entidades assumam a tarefa de elaborar projetos que viabilizem o auxílio ao atleta em formação. No caso dos sindicatos, enquanto organizações do terceiro setor, na elaboração de projetos que viabilizem auxílio ao atleta profissional e ao ex-atleta. Além de continuar na luta pelos direitos coletivos desta categoria profissional, trabalho este que vem sendo realizado ao longo dos anos.

Conforme tratado no capítulo I deste trabalho de pesquisa, não é possível isentar a influência primária, que é a estrutura familiar e cultural. São valores e crenças absorvidos desde a infância que acompanham o indivíduo por toda a vida, podendo ser em alguns pontos positivos ou negativos.



Diante deste contexto um dos principais componentes é a gestão pessoal do atleta. A força e determinação necessárias no esporte de alto rendimento são inerentes ao atleta. Ele, portanto, possui plenas condições de direcionar essa força para sua gestão pessoal, que é o principal contribuinte em sua trajetória.

A gestão de pessoas tem sido valorizada, cada vez mais, na área das ciências humanas e administrativas, uma vez que o conhecimento é a principal forma de capital. Diante deste reconhecimento Alcides Scaglia<sup>44</sup> observa que “não é mais possível pensar a formação de jovens jogadores de futebol sem a criação de um programa que gerencie o crescimento pessoal, social e profissional de modo interdisciplinar”.

O presidente do Sindicato dos Atletas do Mato Grosso do Sul, Wilson Oliveira, considera que o auxílio dos sindicatos é válido, oferecendo apoio nessa fase de transição, uma vez que não existem órgãos que realizam esta ação. E sugere que uma das ações seria estabelecer parcerias com órgãos do governo.

Para Alfredo Sampaio, presidente do Sindicato do Rio de Janeiro, uma das ações dos sindicatos seria:

“Gerar benefícios que possam contribuir para o atleta enquanto atua e para quando encerrar sua carreira. Hoje os sindicatos podem investir em ações de apoio ao atleta, através de cursos técnicos e profissionalizantes, de um bom departamento jurídico e de outros como fisioterápico, físico, odontológico, bem equipados, podem contribuir de forma efetiva na vida útil do atleta e na estruturação de sua nova vida.”

Para Rinaldo Martorelli, presidente do Sindicato de São Paulo:

“O sindicato tenta estimular os clubes para que formem o cidadão quando ele ainda está sob o vínculo com essas entidades de administração, o problema, é que como não há obrigatoriedade os clubes não se preocupam nessa questão social”.

---

<sup>44</sup> SCAGLIA, Alcides. Programa de desenvolvimento pessoal, social e profissional. **Universidade do Futebol**. Dezembro 2007. Disponível em: <<http://www.universidadedofutebol.com.br>>. Acesso em 28 fev. 2010.

Uma vez que o Estado e as associações esportivas não cumprem seu papel de formação de forma adequada, mais uma vez, as organizações formadas pela sociedade civil necessitam se articular para buscar formas de orientação para os jovens atletas, seja nas questões educacionais, sociais, psicológicas, dentre outras.

Evidentemente, este preparo é necessário desde os primeiros contatos com o esporte em escolinhas de futebol, elaborando um acompanhamento e que esteja incluído na rotina do atleta, desde sua formação inicial, acompanhando-o por toda a carreira até o pós-carreira, bem como nas questões técnicas. “A formação de um futebolista compreende o adiantamento das qualidades psicomotoras e coordenativas adquiridas na infância e na adolescência”<sup>45</sup>.

É preciso reduzir o impacto da transição de carreira (pós-carreira) do atleta, unindo suas próprias convicções (objetivos) ao apoio familiar (estrutura familiar), somado ao investimento profissional (uma nova profissão) e ao planejamento de carreira (visão preventiva de futuro).

É essencial que exista o incentivo para um planejamento de carreira. De acordo com a valiosa análise e contribuição de Araujo Filho (2009, p.69):

“[...] O fim da carreira de um jogador de futebol, principalmente para aquele que não tem outra profissão, traz uma série de adversidades. Porém, a pior delas é a privação social ocorrida pela ausência de definição sociocultural. Estabelecer um novo projeto de vida é essencial para que essa ruptura se atenuem”.

O preparo, o estabelecimento de metas e objetivos, a definição de um projeto de vida é essencial para a continuidade, não somente na vida do atleta profissional, mas para todos de seu convívio.

---

<sup>45</sup> SILVA, Rodrigo Saldanha da. Formação de Atletas – Cuidados que devemos ter nas categorias de base. **Universidade do Futebol**. Junho 2009. Disponível em:<<http://www.universidadedofutebol.com.br>>. Acesso em: 11 jun. 2010.

No que se refere ao término de carreira, o ex-atleta Edmundo declara <sup>46</sup>:

“[...] Grande parte dos ex-atletas busca profissões relacionadas ao futebol após o fim de suas carreiras. Técnicos profissionais ou de categorias de base, montar escolinhas, atuar como empresário ou como comentarista esportivo são algumas alternativas, que podem ser facilitadas se o preparo começar com os jogadores ainda em atividade”.

Algumas alternativas podem ser sugeridas dentro deste trabalho de pesquisa, em conformidade com a observação do cenário real, pois são objetivos deste trabalho apresentar sugestões para que estas possam, futuramente, ser aplicadas de forma adequada às necessidades destes atletas, diante da possibilidade de reais interesses dos setores interligados, são eles: Estado, clubes, empresas privadas, associações, sindicatos, entre outros, conforme mencionado anteriormente.

Para tanto, existem vários itens a serem incluídos neste programa de planejamento de carreira:

**1- Educação Formal** – primeiro e segundo graus e supletivos, este último podendo ser à distância. A educação é um passo para o despertar da maturidade e senso crítico do atleta, ampliando sua capacidade de discernimento de forma geral.

No que diz respeito ainda à existência de medidas relacionadas ao futebol e a formação destes jovens atletas, o governador José Serra sancionou a Lei N. 13.748/2009, que determina aos clubes de futebol que assegurem matrícula em instituição de ensino aos jogadores menores de 18 (dezoito) anos a eles vinculados <sup>47</sup>.

De acordo com a Lei, a frequência escolar será monitorada e apresentada aos órgãos de educação responsáveis. Os clubes que não cumprirem essas medidas estarão sujeitos ao pagamento de multas por atleta, podendo até ser excluídos da

---

<sup>46</sup> DARIO, Rubem. Edmundo levanta o tema: como se preparar para o fim da carreira ?. **Universidade do Futebol**. Agosto 2007. Disponível em: <<http://www.universidadedofutebol.com.br>>. Acesso em: 22 maio 2009.

<sup>47</sup> Lei 13.748/09. JusBrasil Legislação. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/819600/lei-13748-09-sao-paulo-sp>>. Acesso em: 12 jun. 2010.

participação dos campeonatos organizados pela Federação Paulista de Futebol. Apesar deste direito já ser previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, é importante que os governantes estejam afirmando esses direitos.

Esta medida é essencial e implica no incentivo para uma maior convivência do atleta em outros ambientes, pois, a maior parte dos atletas em formação (jogadores das categorias de base dos clubes de futebol) não atinge a profissionalização, uma vez que, a demanda é bem menor do que a oferta, ou seja, existem muitos mais jovens interessados em ser jogadores de futebol, do que a real necessidade dos clubes. Portanto, a exigência de escolaridade como forma de complementação é essencial para a atuação em outras áreas na vida do atleta. “É fundamental que o atleta vivencie diferentes situações, que tenha mais de uma opção de carreira diversifique sua carreira – e para isso a educação formal é fundamental”<sup>48</sup>.

O Projeto de Lei – PLC 9/10 que altera a Lei Pelé, conforme mencionado anteriormente, está em fase de tramitação no Senado Federal, propõe que “os jovens jogadores de futebol menores de 18 anos passem a ter garantias de tempo para estudar, seguro de vida e de acidentes de trabalho e acompanhamento profissional. Também terão direito a tratamento como "aprendizes", conforme definido pela legislação trabalhista<sup>49</sup>.

Para PEREIRA (2009, p.7), o atleta pode associar desenvolvimento técnico com crescimento pessoal e encontrar o equilíbrio dentro deste contexto:

[...] A prática esportiva (...), pode também levar à formação de um atleta crítico e transformador. Paixão e manipulação oscilam como um pêndulo em função do senso crítico ou da falta dele quanto à consciência do tipo social e da matriz

---

<sup>48</sup> GEPEEF. Importância da “Lei de Ensino” para jogadores de base do futebol. **Universidade do Futebol**. Março 2010. Disponível em: <<http://www.universidadedofutebol.com.br>>. Acesso em: 07 maio 2010.

<sup>49</sup> Proposta que muda Lei Pelé incentiva formação de jogadores. **Em rede**. Maio 2010. Disponível em: <[http://www.jornalemrede.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=3923:proposta-que-muda-lei-pele-incentiva-formacao-de-jogadores&catid=57:nacional&Itemid=68](http://www.jornalemrede.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3923:proposta-que-muda-lei-pele-incentiva-formacao-de-jogadores&catid=57:nacional&Itemid=68)>. Acesso em: 08 jun. 2010.

que o sustenta. No entanto, segurar esse pêndulo sabendo o que determina seu movimento pode fazer com que os atletas se transformem em senhores de seus próprios destinos, tomando as rédeas de muitas situações nas quais, de outro modo, seriam meras marionetes.

Não cabe ao clube a total obrigação, mas sim às entidades organizadoras dos campeonatos, que ao aceitarem a profissionalização de um atleta, não exijam uma formação escolar dos mesmos.

**2- Educação profissional** – por meio de cursos técnicos e profissionalizantes em diversas áreas, incluindo o setor esportivo. Além dos cursos de formação superior (terceiro grau) e extensão universitária (essas opções dependem da disponibilidade e interesse do atleta, pois, a proposta do programa é flexível). Todos estes cursos possuem a opção de ensino à distância.

Uma parte destes ex-atletas busca alternativas de trabalho dentro do esporte, como por exemplo: trabalhar em projetos sociais ou dar aula em escolinhas de futebol, conforme citado anteriormente. Entretanto, existem opções, mesmo que seja em menor oferta, como por exemplo trabalhos como: Treinador Profissional, Treinador de Goleiros, Preparador Físico, Massagista, Árbitro, Administração Esportiva, Marketing Esportivo, Agentes de Futebol, entre outros.

Araujo Filho (2009) afirma que o preparo para o pós-carreira do jogador de futebol, passa pela formação acadêmica.

**3- Cursos complementares** – cursos de línguas (inglês, espanhol, etc.) e cursos de informática. Estes também podem ser feitos à distância. A orientação de carreira busca alternativas por meio de capacitações profissionais para o atleta e ex-atleta, o que envolve o trabalho dos profissionais da psicologia, mencionado no item seguinte.

**4- Apoio psicológico social** – inclui um trabalho de adaptação e de saúde emocional por meio de orientações e atividades que proporcionem uma maior conscientização sobre ética, cidadania e questões específicas da profissão. No que se

trata da relação psicoemocional, poderá ser realizado um trabalho em conjunto com o apoio familiar, relações sociais e aceitação do término de carreira.

O impacto do fim da carreira e a questão do insucesso são atenuados quando existe uma esfera de equilíbrio familiar e profissional ligado a um novo emprego (ARAUJO FILHO, 2009).

Araujo Filho (2009, p. 67) ainda complementa:

[...] O impacto do fim da carreira também é atenuado quando, durante a carreira, por circunstâncias familiares e convicções próprias, o jogador se atém paralelamente noutro investimento profissional, precavendo-se para o caso de a primeira ser interrompida.

Em entrevista realizada aos ex-atletas e atuais presidentes dos Sindicatos dos Atletas de alguns estados brasileiros, estes reconhecem que se trata de uma fase difícil e que exige um preparo para este momento da carreira.

Na opinião de Marcos Gaúcho, presidente do Sindicato do Ceará:

“Em primeiro lugar o atleta tem que ter consciência que esta profissão tem início, meio e fim. Deve se preparar para a transição que é muito difícil, mas uma realidade, portanto, deve ser orientado pelos órgãos, como sindicatos e também por parentes e amigos que estejam politizados e informados para ajudar a conscientizar o atleta que este fim vai chegar e que tem que se preparar para isso em todos os sentidos, seja psicológico ou financeiro.

Para Oberdan, presidente do Sindicato do Pará, o que o ajudou a enfrentar essa fase foi o “apoio da família, de amigos e torcedores”. Para o presidente do Sindicato do Mato Grosso do Sul, Wilson Oliveira, o principal motivo foi ter recebido o apoio da família e, quando percebeu que essa fase de transição de carreira estava se aproximando, sentiu que tinha de se preparar para outra profissão.

Na opinião de Alfredo Sampaio, presidente do Sindicato do Rio de Janeiro:

“O primeiro responsável, é o próprio atleta. Por mais humilde que qualquer um possa ser, ter noção da carreira, de suas dificuldades, de sua real capacidade de jogo, é uma obrigação de cada um. Ninguém pode mais viver se iludindo e levando a vida como se fosse um jogo. Portanto, entendo que o atleta deva ter essa consciência antes de qualquer coisa”.

Para Alfredo, em segundo lugar, o responsável é o clube que:

“Deveria se preocupar, também, com o homem e não só com o atleta, como a maioria faz. (...) Entendo que os clubes deveriam através de assistente social e psicólogo, realizar um trabalho de orientação e prevenção para auxiliar o atleta no momento de parar, mas isso é utopia, não há essa visão de quem comanda o futebol”.

Rinaldo Martorelli, presidente do Sindicato de São Paulo, diz:

“O que me ajudou muito foi a forma como sempre encarei a vida, com receio quando as ocasiões requerem, porém, com coragem e determinação para superar os problemas que iriam, como aconteceram, aparecer pela frente. E, é evidente que essa forma de posicionamento tem raiz na formação familiar e se estabelece quando você tem naquelas pessoas que estão próximas nos momentos difíceis o amparo necessário”.

Mais uma vez, é importante citar que, primeiramente, a estrutura psíquica do indivíduo é o que determina sua relação com a realidade. A estrutura que um atleta de alto rendimento possui para exercer essa profissão já é um fator contribuinte para suas vitórias fora do gramado.

Entretanto, para Araujo Filho (2009, p.76), muitos ex-jogadores de futebol profissional não sabem ao certo o que vem a ser sucesso pessoal, e relutam em aceitar as novas identidades que lhes são impostas, ou “o esforço envolvido no ato de descobri-las ou criá-las, é que talvez, sejam as causas principais da permanência de uma ilusão de perspectiva de continuidade no mundo do futebol”.

De acordo com artigo divulgado no site Universidade do Futebol em referência ao trabalho de acompanhamento e análise de alguns psicólogos, existem algumas observações que podem ser feitas <sup>50</sup>:

[...] Quatro fatores são atingidos diretamente na fase de transição do jogador de futebol para a nova realidade: o plano pessoal, o atleta deixa de ser uma estrela ou referência no esporte e passa a ser mais um cidadão tentando construir sua imagem praticamente do zero; o plano social, as amizades se restringem e as chamadas amizades de admiradores desaparecem; o plano familiar, a rotina muda dentro de casa, o que pode ser bom em um primeiro momento, mas pode ser prejudicado pela frustração e tristeza; e no campo profissional, onde o ex-atleta terá que construir sua carreira praticamente do zero, além de ter uma queda brusca na entrada de dinheiro, inicialmente; Além destes fatores, o atleta pode sofrer com a perda do equilíbrio emocional ganhando peso rapidamente ou até exagerar na bebida.

É preciso que o atleta reconheça a carreira futebolística como uma etapa passageira em sua vida profissional. Nada impede que os atletas sejam bem sucedidos em sua “nova” profissão, porém, o “sucesso” não será mais o mesmo, que é atribuído ao jogador de futebol e é com isso que eles precisa saber lidar.

**5- Planejamento Financeiro** – por meio de orientações financeiras sobre planejamento, controle e investimentos. Além de orientações sobre micro-crédito para atletas com o objetivo de abertura de um novo negócio. Este programa deverá ser amplo em seu desenvolvimento e extensivo às esposas e filhos dos atletas.

Araujo Filho (2009) diz que o impacto do fim da carreira também é atenuado por eficiência administrativa dos recursos financeiros adquiridos durante sua carreira profissional.

---

<sup>50</sup> DARIO, Rubem. Edmundo levanta o tema: como se preparar para o fim da carreira ?. **Universidade do Futebol**. Agosto 2007. Disponível em: <<http://www.universidadedofutebol.com.br>>. Acesso em: 22 maio 2009.



Faz-se necessária uma estruturação na vida administrativa e pessoal do atleta que vise o fim da carreira, pois, a má administração de suas vidas durante a atividade futebolística colabora para que a maioria dos ex-jogadores de futebol profissional passe por situações de dificuldade, sejam elas financeiras, sociais ou emocionais.

**6- Palestras e seminários** – realização de constantes palestras e seminários com diversos temas abordados.

Na opinião de Marcos Gaúcho, presidente do Sindicato dos Atletas do Ceará, “os sindicatos devem agir com informação, com encontros e palestras para conscientizar o atleta de futebol que a fama é passageira e a realidade é dura”. Gaúcho complementa sua fala afirmando que:

“Trabalhos sociais podem amenizar, mas devem ser com objetivo de fazer o atleta na base, fazendo obrigatoriedade o estudo, porque creio que a informação é fundamental, para que possam conscientemente buscar alternativas de trabalho, seja administrando seus bens ou se especializando para uma nova função”.

Para Oberdan, presidente do Sindicato dos Atletas do Pará, uma das ações dos sindicatos pode ser a promoção palestras com advogados, árbitros de futebol, nutricionistas, médicos e marketing.

**7- Website (Portal)** – de forma a ser utilizado na implementação e integração dos itens acima sugeridos, onde todos estes acompanhamentos poderão ser monitorados por um website, criado especificamente para o programa de acompanhamento de carreira, de modo a facilitar o acesso às informações necessárias para o auxílio e aprimoramento do atleta profissional, uma vez que estes atletas necessitam mudar constantemente de clube, cidade e país. O website personalizado poderá permitir acesso para a realização de estudos à distância, conforme citados anteriormente. Tais cursos podem ser promovidos por meio de parcerias com escolas já existentes e reconhecidas, que realizem este trabalho. Em complementação ao programa de acompanhamento, é possível incluir informações e questionários sobre as

demais áreas, de forma a realizar um monitoramento deste processo oferecido aos atletas.

Estas são apenas sugestões iniciais que deverão ser trabalhadas e estudadas de forma mais completa, na intenção da elaboração de um projeto viável e sustentável, como uma oportunidade de desenvolvimento ao atleta profissional de futebol e sua carreira.

Este trabalho busca colaborar e complementar a condição do atleta que, dentre muitos, conseguiu realizar seu sonho e tornar-se profissional, mesmo que, por algumas vezes, não seja tão bem sucedido. Entretanto, é indispensável um trabalho que valorize, prepare e fortaleça o atleta para a fase de transição de carreira, e permita sua reinserção no mercado de trabalho, na sociedade e minimize os impactos desta fase presente na vida destes atletas, seja de futebol ou outra modalidade esportiva, de modo a proporcionar um pós-carreira digno, respeitável e merecido por toda a sua trajetória. Por fim, o trabalho visa colaborar para que futuros atletas percorram com mais facilidade essa fase de transição.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde a infância é gerada uma identificação com o esporte (neste caso o futebol), no qual é criado um referencial com a figura do jogador de futebol profissional, transformando-o em uma imagem socialmente construída – o ídolo-herói.

Tal identificação, aliada à identidade nacional, que também surge deste processo, contribui para uma construção do sonho de ser jogador de futebol, adicionado ao desejo de ascensão social e profissional, sendo assim, compreendida como um sinônimo de aceitação e inserção social. Em países capitalistas este movimento fortalece relações sociais diversas, sofre influência do marketing e da mídia, o que torna o futebol um grande negócio.

Por meio das pesquisas realizadas para este estudo, foi possível observar que a criança e o jovem atleta necessitam de uma equipe técnica multidisciplinar desde início dos treinamentos no mundo futebolístico. A atenção para com a formação do indivíduo é fundamental e deve incluir aspectos intelectuais e morais, dentre outros, para que o atleta tenha uma autonomia em sua forma de agir.

Em contrapartida, não é possível isentar o atleta de certa alienação e dispersão no que se refere ao interesse por recursos educacionais, profissionais ou, até mesmo, de planejamento de carreira. Uma vez que o sonho e a cultura do país colaboram para essa alienação. A falsa impressão de eternidade e imortalidade faz com que a maioria das pessoas não se preocupe com o futuro.

É possível considerar que o atleta deve ser orientado desde o início de sua carreira a realizar um planejamento a longo prazo, de forma a minimizar o período de transição de carreira em todos os aspectos, sejam eles: psicológicos, sociais, financeiros e profissionais.

É necessária a conscientização dos atletas em formação, profissionais e ex-atletas sobre a necessidade de um programa de planejamento e acompanhamento de carreira, além de proporcionar a oportunidade para que ex-atletas continuem trabalhando quando do término da carreira futebolística. Diante disto, mais uma opção de carreira se amplia e permite a interação em ambientes importantes e fundamentais para sua vida social.

É necessária a participação de outros atores, dentre eles: o Estado, clubes, escolas de formação, sindicatos, bem como o apoio familiar, social e de amigos que também reconheçam a importância deste processo.

É essencial a elaboração de políticas que estruturem a pós-carreira do atleta profissional de futebol com legislação específica que contribuam para a solução deste problema social, uma vez que a desigualdade socioeconômica do país influencia na formação dos cidadãos.

A Lei Federal nº 9.615/98 que institui normas gerais sobre o desporto e dá outras providências, determina em seu artigo 7º<sup>51</sup>:

“Os recursos do Ministério do Esporte terão a seguinte destinação: (Redação dada pela Lei nº 10.672, de 2003):

VII - apoio supletivo ao sistema de assistência ao atleta profissional com a finalidade de promover sua adaptação ao mercado de trabalho quando deixar a atividade”.

Desta forma se mostra ainda mais indispensável à atuação efetiva do Estado e dos órgãos responsáveis, uma vez que conste em lei tal previsão. No entanto, vale ressaltar que não foram encontrados projetos e trabalhos executados nestes termos, conforme lei supracitada.

---

<sup>51</sup> Lei 9.615/98. **JusBrasil Legislação**. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/819600/lei-13748-09-sao-paulo-sp>>. Acesso em: 22 junho 2010.

Com este estudo foi possível demonstrar a possibilidade de transformações efetivas de fatores de exclusão dos direitos sociais. Para tanto, é visível a possibilidade de criação de projetos e programas bem elaborados que mobilizem recursos adequados, amparados pelas respectivas leis.

É complexa a necessidade de estrutura de iniciação esportiva oferecida ao atleta, com função social e educativa, incluindo aspectos informativos e melhoria da qualidade de vida. Pois é sabido que nem todos os jovens serão craques ou heróis no futebol. Por este motivo, torna-se indispensável o incentivo e desenvolvimento da capacidade de fazer escolhas, criar responsabilidades, incentivo a comportamentos éticos, etc.

Assim como se pensa no desenvolvimento do esporte, se deve pensar no desenvolvimento do atleta no contexto social, defender o amadorismo do futebol que se diz “profissional”.

É necessário destacar a importância de uma psicologia do esporte com abrangência nas demais áreas de atuação profissional, que reconheça o atleta como uma pessoa que cumpre obrigações de cidadania e não uma psicologia que tenha preocupação somente com o rendimento. Ampliar a visão do atleta enquanto sujeito e não como um objetivo. Procurar construir uma psicologia aplicada ao esporte, que também tenha preocupações sociais, que seja formadora e, possivelmente, transformadora (PEREIRA, 2008). A psicologia do esporte pode ser empregada na formação de atletas mais livres e críticos.

A inclusão social e promoção da cidadania são questões fundamentais e são objetivos primários deste estudo. O programa de planejamento e acompanhamento de carreira proposto visa promover a cidadania e inclusão social do atleta, quer seja desempregado, com problemas de contusão, próximo da fase de transição ou, até mesmo, ex-atleta.

A proposta de um programa de planejamento e acompanhamento de carreira a longo prazo, como forma a minimizar o impacto do período de transição, buscará atenuar o possível choque emocional do fim da carreira, de modo que o atleta possa unir convicções próprias, apoio familiar, investimento profissional como uma visão preventiva de futuro, aliado ao empreendedorismo.

As entidades sindicais, enquanto órgãos do terceiro setor realizam trabalhos sociais abrangentes. Algumas ações não buscam beneficiar diretamente ao atleta ou ex-atleta, mas sim às comunidades locais como, por exemplo, um projeto de conscientização de crianças e jovens sobre a violência nos estádios.

Percebe-se a real importância da responsabilidade social dos clubes, como forma de exercer um trabalho consciente e efetivo ao atleta e à sociedade. É possível citar como exemplo o sistema americano da *National Basketball Association*<sup>52</sup> (NBA) e da *National Football League*<sup>53</sup> (NFL), que recrutam atletas universitários para os clubes profissionais, entretanto, o atleta deve estudar, caso contrário não terá chances de ser recrutado.

Em adição, é possível sugerir a criação de uma nova associação que realize um trabalho articulado com os três setores. Um trabalho amplo que se acompanhe e se adapte às necessidades deste público específico (atletas profissionais), não necessariamente atletas de futebol. Este estudo pode ser estendido a todos os atletas profissionais de diversas modalidades esportivas, desde que adaptado às necessidades específicas de cada modalidade.

Ao longo dessa produção buscou-se analisar e propor formas de articulação para um planejamento de carreira do atleta profissional de futebol. Diante de grandes mudanças no mundo e no meio futebolístico da atualidade, se torna indispensável à criação de novos serviços a serem prestados aos atletas. É essencial utilizar recursos

---

<sup>52</sup> Criada em 1946, é uma das principais ligas de basquetebol do mundo. Localizada na América do Norte (Estados Unidos e Canadá).

<sup>53</sup> Liga Nacional de Futebol Americano, é a maior liga de futebol americano do mundo.

na elaboração de projetos, promoção de palestras e seminários, realização de parcerias junto aos clubes de forma unificada. Além de realizar trabalhos que promovam a inserção social do atleta, incluindo acompanhamentos personalizados, dentre eles o preparo para a transição de carreira (pós-carreira), como formas de colaboração para o “desenvolvimento humano” do atleta.

É um momento novo para os três setores (Estado – setor público, Mercado – setor privado e Social – setor privado com fins públicos), uma realidade que está posta para todos que por ela se interessarem e que desejem se desafiar.

## **ANEXO**

### **Entrevistas realizadas**

Nome completo: Rinaldo José Martorelli

Apelido no futebol: Martorelli

Data de nascimento: 18/04/1962

Período de carreira: Data Início: 1981 / Data do Término: 1995

Clubes que atuou como profissional: SE Palmeiras (SP) – Clube Náutico Capibaribe (PE) – A Portuguesa Desportos (SP) - EC Taubaté (SP) – AD São Caetano (SP) – EC Pelotas (RS) – EC Goiás (GO) – Paysandu Sport Club (PA) – EC Noroeste (SP) - Clube Esportivo de Passos (MG)

### **Perguntas:**

1) Qual foi o motivo do término de sua carreira? Contusão, dificuldade de contratação, término por idade, outros.

R. Fui praticamente obrigado a interromper minha carreira, já que minha atuação sindical era incompatível com a atuação nos clubes pelo conflito de interesses que eu experimentava, isso agravado com o fato de haver uma “ordem velada” para que os clubes de SP não me contratassem sob pena de rebaixamento.

2) O que você sentiu quando percebeu que essa fase de transição de carreira estava se aproximando?

R: Mesmo que tivesse um curso superior, a aproximação da transição profissional sempre resulta numa grande insegurança porque você não sabe como iniciar uma nova carreira, porque já contava com idade teoricamente avançada – 33 anos – para me apresentar pela primeira vez ao mercado de trabalho.

3) O que ajudou você a enfrentar essa fase? Houve apoio familiar, de amigos, etc?

R: O que me ajudou foi forma como sempre encarei a vida, com receio quando as ocasiões requerem, porém, com coragem e determinação para superar os problemas



que iriam, como aconteceram, aparecer pela frente. E, é evidente que essa forma de posicionamento tem raiz na formação familiar e se estabelece quando você tem naquelas pessoas que estão próximas nos momentos difíceis o amparo necessário.

4) Em sua opinião, quais são os órgãos/pessoas responsáveis pelo preparo do atleta para a fase de transição de carreira? E o que pode ser feito como forma de planejamento?

R: Essa preocupação teria de ser tema de constante análise e estudo nos clubes com a supervisão governamental, porque se o futebol é o maior embaixador que nosso país tem no mundo, nada mais justo que o Estado se pusesse a organizar essa questão.

5) Qual(is) a(s) ação(ões) que um Sindicato de Atletas Profissionais deve exercer enquanto organização sem fins lucrativos?

R: Oficialmente nenhuma porque quando o atleta sai da profissão ele não está mais sob a alçada do sindicato de atletas porque não será mais um atleta. Mas, mesmo com esse trava legal, o sindicato de atletas tenta estimular os clubes que formem o cidadão quando ele ainda está sob o vínculo com essas entidades de administração, o problema, é que como não há obrigatoriedade os clubes não se preocupam nessa questão social. Outra coisa, a entidade que recebe recursos financeiros para a assistência do ex-atleta é a FAAP que nada faz e nada lhe é exigido por isso.

6) O sindicato que você preside realiza algum trabalho social voltado para atletas e ex-atletas? Qual(is) ?

R: Nenhum trabalho oficial, pelos motivos expostos acima. Agora várias ações isoladas quando é necessário intervir. Ultimamente vimos expedindo um certificado que dá aos atletas a condição e trabalharem no futebol como monitores ministrando a parte técnica do esporte.

Nome completo: Alfredo Sampaio da Silva Junior

Apelido no futebol: Alfredo Sampaio

Data de nascimento: 23/05/1958

Período de carreira – Data Início:            / Data do Término:

Clubes que atuou como profissional: São Cristóvão (RJ), América (RJ), Bonsucesso (RJ), Olaria (RJ), Motoclube (MA), Guaratinguetá (SP), Portuguesa (Venezuela), Ferroviário (Moçambique), Costa do Sol (Moçambique), Rio Ave (Portugal), Usa Ragusa (NY-EUA); Atualmente é presidente do Sindicato dos Atletas de Futebol do Estado do Rio de Janeiro – SAFERJ e da Federação Nacional dos Atletas Profissionais de Futebol – FENAPAF.

### **Perguntas:**

1) Qual foi o motivo do término de sua carreira? Contusão, dificuldade de contratação, término por idade, outros.

R. O que me levou a parar de jogar foi à distância que eu ficava de meu filho. Entre 1980 e 1990, vivi praticamente fora do Brasil, atuando em diversos países. Em 1987 eu me separei e com isso passei a viajar sozinho e, por consequência, ficava longe de meu filho, isso foi determinante para minha decisão.

Eu fui um jogador comum, como tantos outros, atuando no Brasil em clubes menores e no exterior em alguns países sem muita tradição.

Outro ponto que ajudou a parar foi à dependência de empresários e de dirigentes de clubes, que tratavam as coisas visando sempre os interesses deles, depois o nosso. Para ir para o exterior, dependia de empresário. Para acertar com um clube no Brasil, dependia do entendimento de dirigentes, que, na maioria das vezes, queriam pagar pouco e exigir muito. Tudo isso começou gradativamente a me cansar e com minha separação, a decisão foi tomada sem dor.

2) O que você sentiu quando percebeu que essa fase de transição de carreira estava se aproximando?

R. Eu já vinha me preparando para isso, pois sempre vi o futebol como uma profissão instável, tanto, que em 1983, criei uma empresa de embalagens por saber que o futebol poderia falhar a qualquer momento e iniciei a faculdade de Educação Física. Esse momento de parar é difícil mesmo, principalmente para os grandes jogadores, pois esses vivem um mundo muito mais atraente, de glamour e sucesso, quando isso acaba, é difícil de aceitar. Para atletas de clubes menores é mais fácil, pois a vida deles, teoricamente, sempre foi mais difícil e incerta, o que, de certa forma, acaba ajudando quando chega o momento de parar.

3) O que ajudou você a enfrentar essa fase? Houve apoio familiar, de amigos, etc?

R. Apesar de estar me preparando gradativamente para parar, quando chegou, eu senti. A falta do dia a dia de treinos e de jogos, é difícil.

Eu tive sorte, pois ao parar, imediatamente me tornei treinador do juvenil do São Cristovão e Presidente do Sindicato, além de criar três escolhinhas de futebol. Tudo isso junto com as tarefas de minha empresa e a faculdade, que foi feita a "cota gotas", ocuparam meu tempo e, naturalmente, me ajudou muito.

A presença de meu filho também foi fundamental para minha adaptação ao novo momento de vida.

4) Em sua opinião, quais são os órgãos/pessoas responsáveis pelo preparo do atleta para a fase de transição de carreira? E o que pode ser feito como forma de planejamento?

R. Primeiro responsável a meu ver, é o próprio atleta. Por mais humilde que qualquer um possa ser, ter noção da carreira, de suas dificuldades, de sua real capacidade de jogo, é uma obrigação de cada um. Ninguém pode mais viver se iludindo e levando a vida como se fosse um jogo. Portanto, entendo que o atleta deva ter essa consciência antes de qualquer coisa.

Segundo, o clube, que deveria se preocupar também com o homem e não só com o atleta, como a maioria faz. Enquanto está dando lucro e dando certo, vale a pena investir e ajudar, quando não, que siga sua vida.

Entendo que os clubes deveriam através de assistente social e psicólogo, realizar um trabalho de orientação e prevenção para auxiliar o atleta no momento de parar, mas isso é utopia, não há essa visão de quem comanda o futebol.

5) Qual(is) a(s) ação(ões) que um Sindicato de Atletas Profissionais deve exercer enquanto organização sem fins lucrativos?

R. Procurar trabalhar para gerar benefícios que possam contribuir para o atleta enquanto atua e para quando encerrar sua carreira. Hoje os sindicatos podem investi em ações de apoio ao atleta, através de cursos técnicos e profissionalizantes, de um bom departamento jurídico e de outros como fisioterápico, físico, odontológico que bem equipados, podem contribuir de forma efetiva na vida útil do atleta e na estruturação de sua nova vida.

6) O sindicato que você preside realiza algum trabalho social voltado para atletas e ex-atletas? Qual(is) ?

R. Com inauguração da Casa do Atleta ano passado, passamos a gerar uma gama de benefícios aos atletas e aos ex- atletas, já que é um complexo com uma estrutura voltada ao atendimento do atleta profissional de futebol na concepção da palavra. Além do departamento jurídico que já existia, hoje, o atleta encontra a sua disposição um amplo centro de fisioterapia, uma academia com que há de melhor em termos de aparelhagem para treinamento, piscina, um andar com salas de aula, biblioteca e auditório e uma equipe de profissionais do mais auto gabarito em cada departamento. Todos os serviços são gratuitos, sem nenhum custo para o atleta. Além desses serviços, o sindicato vem atuando juntos aos ex-atletas também, através de recolocação no mercado de trabalho. Hoje na Casa do Atleta já trabalham oito ex-profissionais de futebol, o que nos deixar extremamente felizes.

Nome completo: Wilson Melo de oliveira

Apelido no futebol:Wilson

Data de nascimento:13/04/54

Período de carreira – Data Início:03/02/1973 / Data do Término:01/11/1990

Clubes que atuou como profissional: Boncussesso RJ, Vitoria do ES, Palmeiras SP, Santa cruz PE, Ferroviária de Araraquaria SP, Operário MS.

### **Perguntas:**

1) Qual foi o motivo do término de sua carreira? Contusão, dificuldade de contratação, término por idade, outros.

R: Por idade

2) O que você sentiu quando percebeu que essa fase de transição de carreira estava se aproximando?

R: Que tinha que me prepara para outra profissão

3) O que ajudou você a enfrentar essa fase? Houve apoio familiar, de amigos, etc?

R: Apoio da Família

4) Em sua opinião, quais são os órgãos/pessoas responsáveis pelo preparo do atleta para a fase de transição de carreira? E o que pode ser feito como forma de planejamento?

R: Não existem órgãos que preparem ex-jogadores para o mercado de trabalho acho que nos como presidente poderíamos ajudar nessa transição.

5) Qual(is) a(s) ação(ões) que um Sindicato de Atletas Profissionais deve exercer enquanto organização sem fins lucrativos?

R: Fazer parceria com órgãos do governo

6) O sindicato que você preside realiza algum trabalho social voltado para atletas e ex-atletas? Qual(is) ?

R: Sim, fazemos trabalho social voltado para ex-jogadores como escolinha de futebol seleção de futebol do estado para jogadores sem clube com renda do jogos revertida para eles.

Nome completo: Oberdan Bendelac de Menezes

Apelido no futebol: Bambino de Ouro

Data de nascimento: 03/01/1966

Período de carreira: Data Início: Janeiro de 1985 / Data do Término: Dezembro de 2000

Clubes que atuou como profissional: Clube do Remo, Paysandu Sport Clube, Tuna Luso Brasileira, Pará; Santa Cruz Futebol Clube, Pernambuco; São José e Comercial do interior de São Paulo, Paraná Clube e Iraty do Estado do Paraná.

### **Perguntas:**

1) Qual foi o motivo do término de sua carreira? Contusão, dificuldade de contratação, término por idade, outros.

R. Principal motivo foi gerenciar meus negócios no ramo de transporte.

2) O que você sentiu quando percebeu que essa fase de transição de carreira estava se aproximando?

R. Sentir-me feliz e muito contente de ter tido a oportunidade de ter sido um excelente atleta, que a todo o momento buscava estar entre os melhores da competição que participei e que conseguir minha independência financeira

3) O que ajudou você a enfrentar essa fase? Houve apoio familiar, de amigos, etc?

R. Apoio da família de amigos e torcedores.

4) Em sua opinião, quais são os órgãos/pessoas responsáveis pelo preparo do atleta para a fase de transição de carreira? E o que pode ser feito como forma de planejamento?

R. Família, psicólogo, ex- atletas e os sindicatos.

5) Qual(is) a(s) ação(ões) que um Sindicato de Atletas Profissionais deve exercer enquanto organização sem fins lucrativos?

R. Palestras com; Advogados, árbitros de futebol, nutricionistas, médicos e marketing

6) O sindicato que você preside realiza algum trabalho social voltado para atletas e ex-atletas? Qual (is)?

R.

- Projeto torcedor do futuro. Atleta e ex- atletas palestrantes.
- Convênio com estado nas escolinhas de futebol. Ex- atletas são os monitores.
- Reposição de atletas desempregados no mercado de trabalho através de materiais de treinamentos, local e professor de educação física.
- Jogadores empregados doam sextas básicas, que são doadas a atletas desempregados.



Nome: Marco Antonio da Silva Nunes, Apelido- Marcos Gaucho

Nascimento: 08-09.64

Período como atleta amador: dos 10 aos 19 anos na categoria de base do Internacional-RS: de 1975 a 1984.

Período como profissional: de 1984 a 2000

Clubes como profissional: - America RJ( 84 a 88), Flamengo-MG (89), Saint Louvant-Belgica (90-91), Juventude-RS (92), Americano RJ (93), Ceara SC (94), Atlet san Francisco-Mexico (95), Aurich-Peru (96), Democrata MG (97), America RN (98), Toronto linx-Canada-USA (99-00).

### **Perguntas:**

1) Qual foi o motivo do término de sua carreira? Contusão, dificuldade de contratação, término por idade, outros.

R. Encerrei minha carreira aos 35 anos,disputando a liga Americana,pelo Toronto do Canada,consciente que chegava ao fim um ciclo de conquistas e profissionalismo,onde contou mais que valores.. os aprendizados,os lugares e amizades que fiz no decorrer dos anos.

2) O que você sentiu quando percebeu que essa fase de transição de carreira estava se aproximando?

R. Na verdade, comecei a me preparar para parar de jogar quando fiz 30 anos de idade. Eram outros tempos, não se ganhava dinheiro como hoje e eu não consegui jogar em grandes clubes, por isso sabia que meu tempo de parar estava chegando e resolvi me condicionar a essa realidade.

3) O que ajudou você a enfrentar essa fase? Houve apoio familiar, de amigos, etc?

R. Não procurei ajuda nenhuma, sabia da realidade e sabia que tinha que ter maturidade para tomar a decisão e ser responsável por ela.Sempre fui de encarar a

realidade e procurei administrar isso com tranquilidade e de forma mais racional possível.

4) Em sua opinião, quais são os órgãos/pessoas responsáveis pelo preparo do atleta para a fase de transição de carreira? E o que pode ser feito como forma de planejamento?

R. Em primeiro lugar o atleta tem que ter consciência que esta profissão tem início..meio e fim.Deve se preparar para a transição que 'e muito difícil,mas uma realidade,portanto deve ser orientado pelos órgãos,como sindicatos e também por parentes e amigos que estejam politizados e informados para ajudar a conscientizar o atleta que este fim..vai chegar e que tem que se preparar para isso em todos os sentidos..seja psicológico ou financeiro.

5) Qual(is) a(s) ação(ões) que um Sindicato de Atletas Profissionais deve exercer enquanto organização sem fins lucrativos?

R. Os sindicatos devem agir com informação, com encontros e palestras para conscientizar o atleta de futebol que a fama 'e passageira e a realidade 'e dura.Trabalhos sociais podem amenizar,mas devem ser com objetivo de fazer o atleta se preparar e não para sobreviver de forma assistencial.Deve ajudar o atleta na base,fazendo obrigatoriamente o estudo,porque creio que informação 'e fundamental,para que possam conscientemente buscar alternativas de trabalho,seja administrando seus bens ou se especializando para uma nova função.

6) O sindicato que você preside realiza algum trabalho social voltado para atletas e ex-atletas? Qual (is)?

R. Sim, o SAFECE tem preocupação em agir diretamente com os atletas, através de ações esportivas envolvendo atletas em atividade e também com ex atletas,criando convivência e alternativas para que possam sentir-se socializados,através de jogos e encontros onde são valorizados perante a sociedade. Mais informações no site [www.safece.com.br](http://www.safece.com.br)

## BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO FILHO, Wilson Constantino de. **Futebol Brasileiro: A trajetória do Jogador Profissional e o fim de sua carreira**. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. PUCSP, 2009.

BARROS NETO, Turíbio Leite de; AGRESTA, Marisa Cury & BRANDÃO, Maria Regina Ferreira. Causas e Conseqüências Físicas e Emocionais do Término de Carreira Esportiva. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v.14, n.6, dez. 2008. Disponível em: <[www.ethikasaude.com/multimedia/download/?id=4](http://www.ethikasaude.com/multimedia/download/?id=4)>. Acesso em: 01 dez 2009.

BASTIDAS, Claudio. **Driblando a perversão – psicanálise, futebol e subjetividade brasileira**. São Paulo: Escuta, 2002.

BRANDÃO, Maria Regina F.; AKEL, Maria Christina; ANDRADE, Samuel do Amaral; GUISELINI, Maria Aparecida N.; MARTINI, Luis de Andrade & NASTÁS, Marisa Agresta. Causas e conseqüências da transição de carreira esportiva: uma revisão de literatura. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v.8, n.1, jan. 2000. Disponível em: <http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/355>. Acesso em: 10 out. 2009.

BRASIL. Lei n. 9.615, de 24 de março de 1998. Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 24 mar. 1998. Disponível em: < <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/Leis/L9615consol.htm>>. Acesso em: 31 maio 2010.

COSTA, Selma Frossard. O Serviço Social e o Terceiro Setor. **Serviço Social em revista**. Departamento de Serviço Social da Universidade Estadual de Londrina. v.7, n.2. jan/jul 2005. Disponível em: <[http://www.ssrevista.uel.br/c\\_v7n2\\_selma.htm](http://www.ssrevista.uel.br/c_v7n2_selma.htm)>. Acesso em: 15 jan. 2010.

DOWBOR, Ladislau. **O que acontece com o trabalho**. São Paulo. Editora SENAC, 2001.

DRUCKER, Peter F. **Administração de organizações sem fins lucrativos: princípios e práticas**. Fundação Vanzolini. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país**. São Paulo: Contexto, 2009.

HELAL, Ronaldo. **O que é sociologia do esporte**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge & LOVISOLO, Hugo. **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

MARTORELLI, Rinaldo J. **Atleta Profissional de Futebol: A restrição de liberdade contratual na relação de trabalho**. Dissertação de Mestrado em Direito. Centro Universitário Unifieo, 2009.

MATTOS, Claudia. **Cem anos de paixão: uma mitologia carioca no futebol**. Rio de Janeiro: Ed. Rocco. 1997.

MOLLICA, Maria Cecília. **Fala, letramento e inclusão social**. São Paulo: Contexto, 2007.

MOURA, Gisella de Araújo. **O Rio corre para o Maracanã**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

MOUSSALLEM, Márcia. **Associação Privada sem Fins Econômicos – Da Filantropia à Cidadania**. São Paulo: Plêiade, 2008.

PASQUARELLI, Maria Luiza R. **Normas para a apresentação de trabalhos acadêmicos** [ABNT-NBR-14724]. 3.ed. Osasco: EDIFIEO, 2006.

PEREIRA, Adriana Bernardes. **A construção social do tipo “jogador de futebol profissional”**: um estudo sobre os repertórios usados por jogadores de distintas categorias etárias e por integrantes de suas matrizes. Tese de Doutorado em Psicologia Social. PUCSP, 2008.

\_\_\_ **Ciência e Futebol na Pós-modernidade: por uma perspectiva crítica. Revista Brasileira de Psicologia do Esporte.** 3 edição, junho 2009. Disponível em: <http://www.pepsic.bvs-psi.org.br>. Acesso em: 20 nov. 2009.

PIMENTA, Carlos Alberto M. O sonho da sociedade contemporânea: juventude e futebol. **Revista Eletrônica Semestral do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP; ponto-e-vírgula**, v.3, 1.sem. 2008. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/ponto-e-virgula/n3/artigos/12-carlos.htm>>. Acesso em: 30 maio 2010.

QUINTEIRO, Eudisia Acuña. **Um sensível olhar sobre o terceiro setor.** São Paulo: Summus, 2006.

RIBEIRO, André; GÓES, Denise; MOTTA, Laís Duarte. **Uma Ponte para o Futuro – Sindicato de Atletas Profissionais do Estado de São Paulo – 60 anos.** Rio de Janeiro: Gryphus, 2007.

SEM, Amartya Kumar. **Desenvolvimento como liberdade.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos. **Memória social dos esportes – Futebol e Política: A Construção de uma Identidade Nacional.** II Volume. Rio de Janeiro: Mauad Editora: FAPERJ, 2006. Disponível

em:<<http://books.google.com.br/books?id=9tcM6P8BwPMC&pg=PA208&dq=futebol+e+identidade+social&cd=3#>>. Acesso em: 29 maio 2010.

SILVA, Verônica L. Nogueira da. O preço de um sonho: a realidade do esporte que não é mostrada pela mídia. **Revista Motrivivência – Educação Física, Esporte e Lazer. Universidade Federal de Santa Catarina**, ano XVIII, n. 27, dez. 2006. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/viewFile/2264/1918>>. Acesso em: 18 nov. 2009.

WISNIK, José Miguel. **Veneno Remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.